

Papa Leão XIV

VIAGEM APOSTÓLICA A FRANÇA

25 a 28 de setembro de 2026



LEÃO XIV

VIAGEM APOSTÓLICA A FRANÇA

PARIS, LOURDES, METZ

25 a 28 de Setembro de 2026

www.opusdei.pt

© Dicastério para a Comunicação - Libreria Editrice Vaticana

ÍNDICE

AOS JORNALISTAS DURANTE O VOO COM DESTINO A PARIS

ENCONTRO COM AS AUTORIDADES, A SOCIEDADE CIVIL E O CORPO DIPLOMÁTICO

VISITA À ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS COM OS BISPOS, OS SACERDOTES, OS DIÁCONOS, OS CONSAGRADOS, AS CONSAGRADAS E OS SEMINARISTAS

VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS

VISITA AO CENTRO DE ACOMPANHAMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL MAISON BAKHITA

ENCONTRO COM OS MEMBROS DA ASSEMBLEIA SINODAL PROVINCIAL, OS CATECUMENOS E OS NEOFITOS

SANTA MISSA - HOMILIA DO SANTO PADRE

ORAÇÃO EM LURDES

ENCONTRO COM OS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE FRANÇA

SANTA MISSA - HOMILIA DO SANTO PADRE

ANGELUS

ENCONTRO COM OS OPERADORES E OS ASSISTIDOS DO
ACCUEIL NOTRE-DAME

ORAÇÃO DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO E PROCISSÃO DAS
VELAS

ENCONTRO INTER-RELIGIOSO

ENCONTRO «NAS RAÍZES DA EUROPA PELA PAZ E PELA
UNIDADE»

SANTA MISSA - HOMILIA DO SANTO PADRE

PALAVRAS DO SANTO PADRE AOS JORNALISTAS DURANTE O VOO COM DESTINO A PARIS

Voo Papal

Sexta-feira, 25 de setembro de 2026

Obrigado! Bom dia a todos!

Como se costuma dizer em inglês: *welcome on board!* Estou feliz por vos ver todos nesta manhã e poder saudar-vos brevemente nesta etapa da viagem. Gostaria de fazer uma menção especial àqueles que viajaram comigo quando regressámos a Roma a partir da Espanha. Quero pedir pessoalmente desculpas por um incidente do qual não tive qualquer responsabilidade, mas sei que deixou alguns de vós descontentes por não termos podido fazer juntos o voo de regresso a Roma.

Quero saudar sinceramente todos vós e agradecer-vos pela cobertura desta viagem a França, relativamente à qual, como sabeis pelas informações já recebidas, há uma série de temas muito importantes. Acima de tudo, viajo para França, tal como para qualquer outro lugar do mundo, como seguidor de Jesus Cristo, com o desejo de proclamar a paz de Cristo por todo o mundo. Neste momento, como sabeis, é uma mensagem particularmente importante.

Obrigado, pois, por estardes aqui e pelo trabalho que estais a fazer. Espero ver-vos durante a viagem e teremos oportunidade de conversar um pouco quando regressarmos. Muito obrigado.

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO COM AS AUTORIDADES, A SOCIEDADE CIVIL E O CORPO DIPLOMÁTICO

Palácio do Eliseu (Paris)

Sexta-feira, 25 de setembro de 2026

Senhor Presidente,

Ilustres Autoridades e membros do Corpo Diplomático,

Senhoras e Senhores,

É para mim uma grande alegria estar hoje entre vós. Estou-lhe particularmente grato, Senhor Presidente, pelo seu cordial convite para visitar a França e agradeço-lhe as palavras de boas-vindas que me dirigiu. Através de si, saúdo todos aqueles e aquelas que habitam neste país com um património cultural e religioso. Juntos, formam um povo no seio do qual a diversidade de origens contribui para vivificar e enriquecer a convivência e a vida democrática. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, gostaria igualmente de assegurar que a França está muito presente nas orações do Papa, que não esquece as suas origens familiares normandas e bearnesas.

A minha viagem à França começa em Paris, capital do vosso país, frequentemente designada como a *Cidade Luz*. Há séculos que a França brilha como um farol cultural, artístico e espiritual, não só na Europa, mas em todo o mundo. Apoiada nas suas escolas catedrais, universidades e academias, locais essenciais para a procura da verdade, a França contribuiu para formar a inteligência dos povos, muito além das suas fronteiras. A iluminação de mentes francesas extraordinárias, que eram,

simultaneamente, grandes católicos, sublinha até que ponto as ciências, as artes, a literatura e a filosofia podem contribuir para o bem da humanidade, desde que estejam orientadas para a busca do belo, do bem e do verdadeiro, para que *o mundo tenha vida*.

O *savoir-faire* é sinónimo de excelência em muitas áreas. Destacou-se, de forma notável, na grande obra de restauro da Catedral de Notre-Dame de Paris, na qual desde o início participaram numerosas instituições, tanto privadas quanto públicas, e à qual o Senhor Presidente dedicou uma atenção especial, pelo que lhe agradeço. Saúdo com gratidão todos os artesãos e profissionais que ali dedicaram seu empenho. A recente reabertura da Catedral à celebração do culto divino e a visitantes do mundo inteiro não é apenas o coroamento de uma proeza técnica, mas o símbolo de uma esperança reencontrada, a prova de que aquilo que se pensava estar destruído para sempre pode renascer graças à colaboração de todos, o testemunho de uma unidade alcançada por meio do esforço comum. Um resultado tão belo deve inspirar nos agentes da vida política, social e religiosa do país um novo ímpeto para trabalhar incessantemente em espírito de unidade, com a força de uma esperança viva.

A França é também uma terra com ricas raízes cristãs. Desde os tempos de Santo Ireneu e do batismo de Clóvis, a alma da vossa pátria desenvolveu-se, haurindo no cristianismo um génio espiritual, cultural, intelectual, artístico e missionário, que hoje resplandece em todo o mundo. Foi assim que, na França do século XVI, floresceu o humanismo, procurando unificar a herança greco-romana e a fé cristã. Aos ilustres pensadores do Renascimento, e posteriormente do *Grand Siècle*, seguiram-se os do *Iluminismo*, tendo a França, nessa altura, proporcionado ao mundo verdadeiras conquistas: entre elas, o reconhecimento dos direitos humanos inscritos na natureza da própria pessoa, em particular a liberdade religiosa.

Esta atenção permanente à dignidade inerente a toda a pessoa humana encontra eco no vosso lema nacional: liberdade, igualdade e fraternidade não são meras palavras gravadas nos frontões dos edifícios públicos, mas remetem para exigências éticas universais, que têm na mensagem evangélica uma fonte inesgotável de inspiração e realização.

Proclamada nesta cidade de Paris, a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* – em cuja elaboração René Cassin, jurista francês e Prémio Nobel da Paz, desempenhou um papel de primeiro plano – teve como objetivo criar uma consciência geral da dignidade inalienável da pessoa humana. São João Paulo II, que considerava este documento «uma pedra miliária no caminho do progresso moral da humanidade», tinha consciência de que «as ameaças aos direitos humanos, tanto no âmbito dos bens materiais como no âmbito dos bens espirituais, são igualmente perigosas para a paz, porque vão atingir sempre o homem na sua integridade».[1]

A questão do respeito da dignidade humana e dos direitos e liberdades fundamentais que decorrem da natureza do ser humano está presente em todas as épocas e deve acompanhar a evolução da sociedade e o progresso técnico. Com efeito, «ao longo dos séculos, o desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma melhoria significativa das condições de vida da humanidade; ao mesmo tempo, cada fase do progresso também revelou o lado ambíguo de instrumentos que, quando não orientados para o bem, são capazes de causar danos» (*Magnifica humanitas*, 4). Já na sua época, Georges Bernanos intuía o risco de ver a obediência cega e a ausência de responsabilização tornarem-se senhoras de um “Paraíso das Máquinas”. Para lhes escapar, ele sublinhava como a civilização francesa tinha, pelo contrário, trabalhado durante séculos na formação de homens livres e plenamente responsáveis pelos seus atos.[2]

Por esta razão, pareceu-me indispensável tratar, na minha primeira Carta Encíclica, o tema da Inteligência Artificial, a fim de recolocar a pessoa humana no centro de toda a reflexão. Para não perdermos a nossa humanidade no meio do “paraíso das máquinas”, que invade e condiciona o nosso quotidiano, é urgente formar os espíritos para um discernimento ético, capaz de distinguir o que é moralmente bom. Esta exigência é fundamental para reconhecer o verdadeiro bem que faz o homem crescer de acordo com a sua vocação primordial, no respeito incondicional pela sua liberdade interior e pela sua dignidade sagrada. A este respeito, gostaria de recordar que «uma sociedade autenticamente livre não impõe a uniformidade, mas protege a diversidade de consciências, prevenindo derivas autoritárias e promovendo um diálogo ético que enriquece o tecido social» (*Discurso aos membros do Corpo Diplomático*, 9 de janeiro de 2026). Este diálogo é ainda mais urgente no contexto da França de hoje, onde pessoas de diferentes origens culturais e religiosas são chamadas a viver juntas e a dar o seu contributo para a construção da sociedade.

É devido precisamente à riqueza do seu tecido social que, há séculos, a França se distingue pela atenção à diversidade e por um forte desejo de solidariedade. Graças ao trabalho notável de homens e mulheres que se mantiveram fiéis à sua humanidade e aos valores do Evangelho, a Igreja Católica na França nunca deixou de agir em prol dos mais desfavorecidos, tornando-se o rosto vivo da ternura e da compaixão de Deus. Pensemos nas obras de São Vicente de Paulo, na renovação caritativa do século XVII e, ainda hoje, nas numerosas instituições católicas, onde os profissionais de saúde acompanham os nossos irmãos e irmãs fragilizados pelo sofrimento. Os seus testemunhos de atenção e serviço constituem uma autêntica escola de humanidade sobre a grandeza do cuidado e um apelo comovente para o valor único e insubstituível de cada ser humano. São também um convite a

uma fraternidade renovada, pois exige que aprendamos a acolher a vida incondicionalmente, a amparar a fragilidade com ternura, a acompanhar com respeito e confiança mútua cada etapa da existência e a defender com coragem e compaixão aqueles que não têm voz ou que não se sentem suficientemente apoiados. É por isso que reafirmo «com veemência que a salvaguarda do direito à vida constitui o fundamento imprescindível de todos os outros direitos humanos» (*ibid.*).

Atualmente, existe a tentação de esperar da ciência solução e conforto para todos os nossos sofrimentos. O risco é, muitas vezes, o de cair na ilusão. Quando a ciência e a tecnologia não são orientadas pela consciência, podem propor soluções imediatas que parecem responder aos desejos e às dores dos homens e das mulheres, mas que, na realidade, podem desviá-los gravemente do bem a que aspiram profundamente. Por vezes, constato com preocupação os desvios atuais das sociedades, que correm o risco de deturpar a ciência e a tecnologia, transformando-as em empreendimentos lucrativos que favorecem as manipulações genéticas, a maternidade de substituição, o tráfico de órgãos ou a oferta de uma morte programada. Não esqueçamos que o respeito mútuo e a proteção da vida duma só pessoa são uma responsabilidade de todos e de cada um, que começa com uma conversão da inteligência e do coração e que exige um compromisso real e desinteressado para com os nossos irmãos e irmãs.

Como não ver também neste empenho a expressão da verdadeira laicidade da cidade terrena? O cristão envolvido na vida pública, agindo à luz da sua consciência iluminada pela fé, não pode ser considerado um proselitista ou uma ameaça à unidade da pátria. Com efeito, «a verdadeira laicidade não exclui a dimensão religiosa, mas, pelo contrário, sabe valorizá-la como um recurso educativo» (*Discurso aos participantes no encontro nacional de professores de religião católica, 25 de abril de 2026*).

É precisamente por isso que a escola católica tem o seu lugar no panorama educativo de um país como a França. «Isto faz parte, inclusive, de uma atitude mais ampla, indispensável para qualquer diálogo, tanto na escola como na sociedade: conhecer e amar quem se é, para saber acolher o outro com respeito e abertura» (*ibid.*).

Uma correta laicidade não consiste, portanto, em excluir a religião do espaço público ou do ensino, mas em trabalhar em prol do diálogo entre o Estado e as instituições religiosas, para que unam forças ao serviço do bem comum, para *que o mundo tenha vida*. A este respeito, saúdo o trabalho realizado na Instância de diálogo entre a Santa Sé, a Igreja Católica na França e o Governo francês. Efetivamente, a obra incansável da Igreja Católica, através da riqueza das suas expressões e instituições, é sem dúvida preciosa e louvável para o bem-estar de toda a sociedade. Estas partilhas ilustram, de forma muito feliz, a saudável complementaridade reafirmada durante o Concílio Vaticano II, no sentido de que «[a comunidade política e a Igreja], embora por títulos diversos, ambas servem a vocação pessoal e social dos mesmos homens. E tanto mais eficazmente exercitarão este serviço para bem de todos, quanto melhor cultivarem entre si uma sã cooperação» (Conc. Ecum. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, 76).

Constato também com alegria que esta mesma vontade de servir em conjunto todas as pessoas, independentemente da sua origem, inspira, há séculos, a cooperação entre a França e a Igreja Católica ao serviço dos cristãos do Oriente. A ação educativa, social, cultural e humanitária levada a cabo nos países do Médio Oriente, em colaboração com diversas associações, tais como a *Ajuda à Igreja que Sofre* ou a *Œuvre d'Orient*, constitui um contributo valioso para o diálogo entre os povos e para a defesa dos direitos das pessoas.

Trata-se de um testemunho eloquente no qual cultura e fé se apresentam como pilares que favorecem a harmonia entre diferentes povos e religiões, ao serviço da paz e da mediação entre os homens. Também aqui a educação constitui um desafio especialmente importante. Ela continua a ser verdadeiramente uma das principais áreas de cooperação, encontrando, em particular, uma expressão concreta e fecunda no *Fundo para as Escolas do Oriente*. A este respeito, desejo expressar o meu agradecimento a todas as pessoas empenhadas neste projeto que, desde a sua fundação em 2021, permitiu prestar apoio a mais de duzentos e sessenta instituições de ensino no Médio Oriente, entre as quais sete universidades no Líbano e a Universidade de Belém.

E como falar desta região do mundo onde, há dois mil anos, nasceu o Príncipe da Paz sem pensar também nas populações afetadas pelas consequências dos conflitos e em todos aqueles que são atormentados pelo flagelo da guerra? Não podemos permanecer indiferentes perante tais sofrimentos, que ferem a dignidade humana e clamam justiça a Deus. A gravidade destas situações deve interpelar-nos, convidando cada um, onde quer que se encontre, a uma verdadeira conversão do coração e a uma mudança de atitude. É reconhecendo humildemente a necessidade que temos uns dos outros que juntos poderemos empenhar-nos ainda mais na construção da civilização do amor no meio do mundo, que se tornou tão complexo e interdependente (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 182). Ao mesmo tempo, como já afirmava na sua época o meu santo predecessor João XXIII, «a justiça, a reta razão e o sentido da dignidade humana terminantemente exigem que se pare com essa corrida ao poderio militar, que o material de guerra, instalado em várias nações, se vá reduzindo duma parte e doutra, simultaneamente, que sejam banidas as armas atômicas; e, finalmente, que se chegue a um acordo para a gradual diminuição dos

armamentos, na base de garantias mútuas e eficazes» (S. João XXIII, Carta enc. *Pacem in terris*, 112). Com efeito, vai-se difundindo cada vez mais a convicção errada de que a posse de armas nucleares constitua uma garantia de segurança, alimentando uma nova corrida ao armamento dificilmente controlável (cf. Carta enc. *Magnifica humanitas*, 194). Na verdade, a paz não é um equilíbrio de forças, mas constrói-se dia a dia com o diálogo e a justiça.

Exorto-vos, portanto, a nunca vos resignardes à perspectiva de uma guerra, considerando-a “inevitável”, mas a promover incansavelmente o diálogo e a diplomacia, a fim de preservar sociedades pacíficas, respeitadoras da dignidade e dos direitos da pessoa e dos povos. Perante os rumores de guerra e as crises multifacetadas que abalam o nosso mundo, a França tem a vocação de continuar a ser uma artífice incansável da paz e do multilateralismo, especialmente no interior da nossa querida Europa. Possa a França, fiel aos seus valores, abrir caminho para uma paz desarmada e desarmante, e oferecer, com responsabilidade, o seu contributo insubstituível em prol da paz; que a vossa liberdade cresça incessantemente no cuidado pelo bem comum; que a vossa fraternidade abrace toda a humanidade; e que a igualdade a que aspirais se baseie sempre nos alicerces da justiça e da caridade, sem suprimir as diferenças entre as pessoas, mas fazendo-as frutificar harmoniosamente em benefício de toda a sociedade.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores, gostaria de mais uma vez dirigir a minha gratidão por este encontro que, para retomar as palavras proferidas por Vossa Excelência aos bispos da França em 2018, tão significativas para cada um, manifesta como «uma Igreja que pretenda desinteressar-se das questões temporais não cumpriria plenamente a sua vocação; e que um Presidente da República que pretenda desinteressar-se da

Igreja e dos católicos falharia no cumprimento do seu dever».[3] Estai certos das minhas fervorosas orações pela vossa linda nação.

Deus lhe conceda a paz, a unidade e a prosperidade, para que *o mundo tenha vida*. Confio estes votos à intercessão maternal da Bem-Aventurada Virgem Maria, Padroeira principal da França.

Que Deus abençoe a França e todos os franceses!

[1] S. João Paulo II, *Discurso na Assembleia Geral das Nações Unidas*, n. 7 e 14, 2 de outubro de 1979.

[2] Cf. G. Bernanos, *La France contre les robots*, Rio de Janeiro 1946, p. 114.

[3] E. Macron, *Discours du Président de la République devant les Evêques de France*, Collège des Bernardins, 9 de abril de 2018.

[Voltar ao índice](#)

VISITA À ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO)

Sede da UNESCO (Paris)

Sexta-feira, 25 de setembro de 2026

Senhor Diretor-Geral,

Senhor Presidente da Conferência Geral,

Senhor Presidente do Conselho Executivo,

Excelências,

Senhoras e Senhores,

É com grande satisfação que me encontro hoje nesta Assembleia das Nações, onde as línguas e as culturas se cruzam para cooperarem num projeto que envolve toda a família humana: «Contribuir para a paz e para a segurança, promovendo colaboração entre as nações através da educação, da ciência e da cultura, para fortalecer o respeito universal pela justiça, pelo estado de direito, e pelos direitos humanos e liberdades fundamentais» (*Constituição da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*, art. 1º, nº 1). Construir juntos um mundo mais justo é, na verdade, o próprio fundamento da cooperação internacional. As nossas experiências, aptidões e competências visam edificar um espaço acolhedor para todos e fecundo para cada um, a fim de que os povos possam crescer na paz.

Enquanto testemunha da paz, dirijo as minhas cordiais saudações aos representantes dos Estados-Membros e Observadores, das Organizações internacionais, do mundo académico e da sociedade civil. Agradeço ao senhor Khaled El-Enany, Diretor-Geral desta Organização, pelo seu cordial convite [e pelas palavras que nos dirigiu]. Na qualidade de pastor, transmito-vos a palavra da Igreja, que se torna incessantemente «mensagem» e «diálogo», destinada a todos os povos, mulheres e homens de boa vontade (cf. Paulo VI, Carta Encíclica *Ecclesiam suam*, 38).

O projeto de construir juntos um mundo mais justo coincide com uma missão que aprendemos a partilhar ao longo da história. A este respeito, a UNESCO representa, simultaneamente, uma meta e um instrumento para prosseguir esta tarefa, hoje com empenho redobrado, de acordo com as nossas múltiplas áreas de atividade. Em 2027, celebraremos o 75º aniversário da presença da Santa Sé na UNESCO: uma presença que decorre da convicção de que o futuro depende, acima de tudo, do respeito e da promoção da dignidade inalienável de cada ser humano criado à imagem de Deus. É por isso que consideramos esta Organização um interlocutor privilegiado ao serviço do bem comum, que é a «forma social da dignidade» que todos partilhamos de forma originária e igual (cf. Carta Enc. *Magnifica humanitas*, 59). A partir de 1952, a Missão Permanente de Observação da Santa Sé discerne e acompanha, nesta perspectiva, as iniciativas da UNESCO, dando o seu contributo para o diálogo entre as Nações, a fim de apoiar um autêntico desenvolvimento humano, que só é tal quando orientado para «promover todos os homens e o homem todo» (Paulo VI, Carta Enc. *Populorum progressio*, 14).

Falando a esta assembleia, o meu venerado predecessor São João Paulo II, recordava que «*genus humanum arte et ratione vivit*». Uma vez que, com efeito, «o homem vive uma vida verdadeiramente humana graças à cultura»

(João Paulo II, *Discurso na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO*, 2 de junho de 1980; cf. Tomás de Aquino, In *Aristotelis Posteriora Analytica*, 1), esta última palavra indica o modo de ser através do qual o homem dá sentido a tudo o que faz. Quarenta e seis anos mais tarde, ao renovar entre vós o compromisso de colaboração da Santa Sé, convido-vos a considerar a UNESCO não só como uma ilustre organização internacional, mas também como um lugar onde a humanidade reflete sobre si própria, a sua história e o seu futuro. Na verdade, é impossível promover a educação, as ciências e a cultura sem promover a vida do homem e da mulher, que são os seus protagonistas.

No âmbito da educação, a Igreja Católica traz consigo uma experiência muito antiga: há séculos que as suas comunidades abrem escolas e universidades, ensinam a ler e a escrever e estão presentes mesmo nos locais mais pobres e remotos. Com o *Pacto Educativo Global*, o meu predecessor Papa Francisco quis inserir esta experiência numa aliança educativa mais ampla, aberta ao contributo de todos. Mas o que desejo transmitir-vos não são, em primeiro lugar, as obras: é a convicção da qual essas obras decorrem. Nenhuma educação é completa, se não abordar a questão do sentido. Nesse mesmo discurso, São João Paulo II recordava: educar é ajudar o homem a «ser» mais e não apenas a «ter» mais, reconhecendo também a transcendência da pessoa que pertence à plenitude da sua humanidade (cf. *ibid.*, n. 10-11).

Nesta assembleia, portanto, há uma questão fundamental que merece ser explorada, e que nos interpela com urgência: *o que significa ser humanos?* Todas as culturas são envolvidas nesta reflexão, que está no cerne de cada conhecimento, arte e religião. Afinal, mesmo no século XXI, não podemos dar por garantido que sabemos quem é a pessoa humana ou o que significa viver como ser humano. Realmente, cada geração é chamada a lidar com

este desafio cultural, especialmente perante as tragédias que, lamentavelmente, ocorrem ainda hoje.

Antes de mais, a pessoa humana é *alguém que é concebido e nasce*. Por isso, ser humano significa, em primeiro lugar, ser filho. Nenhum de nós escolheu sê-lo. Ninguém decidiu de quem, quando ou onde nascer. Esta evidência ilumina algo que não é meramente biológico, mas ético: enquanto filhos, somos todos irmãos e irmãs. Desde o início, a nossa humanidade é um dom e uma prova, uma promessa e uma responsabilidade. Para todos os seres humanos, a geração implica um laço original, uma comunhão de vida que tem a sua fonte e o seu primeiro ambiente educativo na família.

Em segundo lugar, todos nascemos nus e necessitados. Somos pobres desde o nascimento: carentes de pão e de palavra, de cuidados e de afeto; ou seja, de tudo o que nutre o corpo e o espírito. Sabemo-lo bem; no entanto, à medida que nos tornamos adultos, corremos o risco de o esquecer. São precisamente os desvalidos que sofrem as maiores consequências deste esquecimento, sempre que a sua humanidade é traída ou posta de lado, explorada ou enganada. Esquecer o nosso nascimento obscurece a ideia de vida humana, porque a separa da história comum a todos nós. Assim, a vida deixa de ser entendida como dom, passando a ser vista como uma mercadoria. Já não é vista como um apelo ao cuidado e à responsabilidade, mas como um produto a ser explorado. Esta dramática alternativa lembramos exatamente que ser humano é ser livre por natureza. Por sermos filhos, a nossa liberdade começa respondendo à liberdade de quem primeiro se dirige a nós com gestos de dedicação ou de rejeição, de acolhimento amoroso ou de negligência e crueldade.

Em terceiro lugar, lembrar da nossa humanidade comum significa reconhecer que ela é magnífica, isto é, com seu imenso potencial, mesmo

que esteja reduzida por muitas formas de mal e injustiça. Quem se dedica à educação, à ciência e à cultura é chamado mais ainda a cuidar de cada pessoa, para que a beleza da nossa liberdade possa resplandecer. Esta beleza tem um nome: justiça. Sim, a liberdade é bela quando está orientada para o bem e para a verdade; desfigura-se quando caí na arbitrariedade, na violência ou na sede de poder. Portanto, sermos humanos implica uma responsabilidade perante a história: o ser humano é um ser que cresce, aprende e trabalha com a mente e as mãos. Através do trabalho, pode cultivar a terra ou desfigurá-la, criar obras de arte ou destruí-las. Nesta conjuntura específica, devemos reconhecer que a mais terrível das “obras humanas” é a guerra, porque nela a própria ciência é colocada ao serviço de uma vontade desumana de destruir e matar.

A este respeito, o *Preâmbulo* da Constituição da UNESCO começa com palavras que – como vimos no *Wall of Peace* – continuam surpreendentemente atuais: «Uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz» (*Constituição da UNESCO*, Preâmbulo, 1945). Estas palavras foram escritas logo após a tragédia mais destrutiva do século passado: a Segunda Guerra Mundial. A humanidade tinha compreendido que o progresso científico, quando separado da sabedoria, pode transformar-se numa arma devastadora; que a cultura, quando se submete à ideologia, pode tornar-se mentira e propaganda; que a educação, quando renuncia à verdade, degrada-se em instrumento para manipular as consciências. Os Estados fundadores da UNESCO compreenderam que os tratados são necessários, mas insuficientes por si só. Estes requerem uma cultura e um compromisso partilhado com a paz que os sustente. A paz não pode ser construída apenas com tratados, nem por meio de compromissos entre forças opostas. A paz é verdadeira quando brota da virtude da justiça, mais

do que de um mero contrato; de uma retidão de vontade, mais do que de um equilíbrio instável de interesses. Realmente, só uma vontade reta pode reconhecer no outro um irmão ou uma irmã, uma pessoa semelhante a si próprio.

Oitenta anos depois, as palavras da vossa Carta Constitutiva não perderam em nada a sua força. No entanto, constatamos também o quanto este princípio comum esteja profundamente ameaçado por formas de barbárie que fomentam rivalidades e conflitos. Entre os desafios que hoje se colocam ao mundo científico e educativo, destaco particularmente os que se apresentam no vasto campo da tecnologia. Os nossos esforços neste sentido devem fazer com que as novas tecnologias continuem ao serviço da pessoa humana, em vez de se tornarem um novo instrumento de domínio e injustiça.

Ao longo dos séculos, muitas atividades outrora realizadas pelos seres humanos foram confiadas às máquinas, cujas capacidades e aplicações continuaram a expandir-se. Mais recentemente, foi até atribuído a alguns sistemas artificiais o nome da nossa faculdade humana de pensar: inteligência. Ao mesmo tempo, porém, as nossas ideias e relações correm o risco de serem empobrecidas devido a um processo de desumanização. O paradoxo tornou-se cada vez mais evidente: enquanto a “inteligência” é atribuída aos sistemas computacionais, temos dificuldade em reconhecer a dignidade inalienável da pessoa humana, cuja vida é avaliada com base no critério da eficiência e, quando considerada já não produtiva, é rejeitada e descartada.

Esta dolorosa realidade convida-nos a refletir tanto sobre a fragilidade da nossa natureza quanto sobre a imensa dignidade de cada pessoa humana, uma dignidade que permanece intacta mesmo nas circunstâncias mais

vulneráveis, até à própria morte. Sim, o ser humano é, sem dúvida, aquele que nasce, mas é também *aquele que morre*. A nossa dignidade não é destruída pela doença ou pela dor, nem depende do desempenho de que uma pessoa é capaz. Pelo contrário, requer cuidados amorosos em todas as fases da vida.

Para a fé cristã, o mistério da pessoa humana encontra a sua plena luz em Cristo, que «na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime» (Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, 22). À sua luz, cada pessoa apresenta-se-nos como uma criatura desejada e amada por Deus. Esta luz ajuda-nos também a compreender mais profundamente o significado da nossa experiência humana comum.

Senhoras e Senhores, em nome da nossa história comum, enquanto homens e mulheres de ciência, sois constantemente chamados a cooperar para que da diversidade de perspectivas possa surgir uma convergência de visões e, dessa convergência, uma harmonia de ação. Esta harmonia encontra expressão na obra da UNESCO quando dá voz sinfónica aos mais elevados propósitos de bem e de cuidado pela humanidade. Onde há harmonia, há acordo entre vozes diferentes e, por conseguinte, concórdia entre as Nações que representais.

A este respeito, gostaria de recorrer a duas imagens da Bíblia, o grande código cultural da humanidade: a Torre de Babel e a praça de Pentecostes. Apresento-as a vós como maneiras de representar a unidade da família humana que, ainda hoje, é continuamente chamada a discernir a direção e o sentido da história que atravessa. Estas passagens bíblicas narram, com efeito, duas formas sociais que nos levam a refletir sobre as circunstâncias do nosso presente.

A Torre de Babel representa uma unidade imposta pelo domínio (cf. *Gn* 11, 4). Ao mesmo tempo, esta construção revela que quanto mais o poder oprime, mais ele se enfraquece, mostrando a sua face desumana. Isso é visível nos sofrimentos e injustiças causados pelo despotismo, bem como na exploração que fere a sociedade e o ambiente. Como nos ensina a história, muitos impérios celebraram a sua prepotência, antes de se consumirem e ruírem como uma torre. O resultado dessa soberba, exaltada e destruída, é a dispersão. A presunção de se tornar semelhante a Deus e de submeter os povos a um único jugo tem como resultado a confusão das línguas e a incompreensão geral. Em vez de alcançar o céu como pretendia, a Torre de Babel desmorona-se com um duplo efeito negativo. Assim como a unidade que impunha era forçada, também a diversidade que se segue ao seu colapso é conflituosa. Hoje, a tentação de Babel volta a apresentar-se numa desejada globalização sem fraternidade, no ávido colonialismo financeiro, nas imposições ideológicas, em todos aqueles «contatos sem laços» que reduzem a vida humana a um comércio (cf. Comissão Teológica Internacional, *Gaudium et Spes*, 42). A própria ciência, quando reduzida a uma técnica de poder, já não serve para elevar a pessoa humana, mas, pelo contrário, corre o risco de degradar os frutos desse esforço.

Hoje, em particular, dispomos de instrumentos capazes de conectar instantaneamente pessoas e continentes, mas assistimos a novas formas de isolamento, de miséria material e espiritual, de abandono. A comunicação tornou-se muito mais rápida, mas não necessariamente mais verdadeira; a informação é abundante, mas não corresponde à sabedoria. Sem uma deontologia compartilhada, os mais variados canais de comunicação correm o risco de multiplicar informações falsas ou de utilizar palavras sem significado, dificultando o diálogo em vez de o promover.

A inteligência artificial acentua este problema: embora estes sistemas sejam capazes de estabelecer correlações entre dados, não conseguem responder a perguntas sobre o sentido da existência humana, que tem as suas raízes na experiência vivida. No entanto, os seres humanos não podem viver sem sentido. O sentido é o oxigénio da mente. Por isso, os desafios comunicativos, que são sempre desafios educativos, impõem a questão da verdade como tema de justiça social e de equidade histórica. É por isso que a educação neste âmbito é essencial, e congratulo-me com a iniciativa da UNESCO por meio do seu programa de *Alfabetização Midiática e Informacional* (AMI), que promove o uso responsável dos meios de comunicação social e das ferramentas digitais.

Efetivamente, a linguagem, sem a verdade, acaba por se submeter à lógica da violência e à vontade arbitrária dos poderosos. Assim, os outros são excluídos em nome do lucro e os inocentes são mortos em nome da liberdade. Em vez de respeitar a lei, quem detém o poder invoca-a quando ela serve aos seus interesses e ignora-a quando esta os limita, chegando mesmo a tratar a justiça como uma mercadoria que se compra e vende. Se percebermos que a corrupção da lei tem a sua origem na corrupção do coração, podemos compreender que qualquer ciência, praticada sem ética, corre o risco de perder o sentido, deixando de servir e refletir a dignidade humana.

A tal respeito, exorto a comunidade internacional no seu conjunto a dedicar especial atenção à proteção das crianças e jovens. Na era digital, a sua vulnerabilidade nunca deve tornar-se ocasião de exploração. Possam estas tecnologias apoiar o seu crescimento, a sua formação e as suas relações, salvaguardando a sua liberdade de pensar e discernir, e permanecendo sempre ao serviço da dignidade da pessoa humana.

A corrupção da cultura de que estamos a falar é resgatada na praça de Pentecostes. Ali, uma mensagem de paz é acolhida por todos os povos como boa nova. Esse anúncio proclama a ressurreição de Jesus, ou seja, a vitória da vida sobre a morte, a salvação que dá esperança ao mundo. No dia de Pentecostes, a praça torna-se o local onde se celebra a paz que cura todas as ofensas à pessoa humana. Cada um ouve esta mensagem «na sua própria língua» e a comunhão não impede, de modo algum, a diversidade (cf. *Act 2, 8*). Pelo contrário, permite que ela floresça na harmonia das vozes e dos rostos. No anúncio da paz, a variedade das culturas torna-se veículo de uma verdade universal. O ensinamento bíblico indica-nos assim o caminho para alcançar o que todos procuramos: «aquela unidade que não anula as diferenças, mas valoriza a história pessoal de cada um e a cultura social e religiosa de cada povo» (*Homilia na Celebração Eucarística pelo Início do Ministério Petrino*, 18 de maio de 2025). Não é a prepotência de Babel, mas a paz de Pentecostes que possibilita essa comunhão entre os povos. Cada cultura realiza, portanto, a mais alta sabedoria quando procura a paz e o bem de todos, testemunhando o sentido autêntico da nossa humanidade.

Quem trabalha no campo da educação sabe que só a verdade nos torna livres; quem ensina e quem faz investigação sabe que o erro nos faz escravos da ignorância e da superstição. Sempre que encontrarmos obstáculos à nossa missão, lembremo-nos de que existe apenas uma Terra para todos e uma única e comum natureza humana. O ser humano não pode ser compreendido separando o que pertence a um todo: corpo e alma, vida pessoal e relações, o nosso relacionamento com os outros e com o ambiente. Tudo faz parte da unidade da nossa existência. Por isso, cultivar a terra implica cultivar a humanidade que habita nela. A educação e a ciência são chamadas a esta tarefa. Na verdade, como ensina a etimologia do termo,

cada cultura é cultivo. Assim sendo, renovo o apelo dos meus predecessores para que cuidemos conjuntamente da pessoa humana e da criação: o Papa Bento XVI falou da necessidade de uma ecologia da pessoa humana, enquanto o Papa Francisco desenvolveu a perspectiva da ecologia integral (cf. Bento XVI, *Discurso ao Parlamento Federal Alemão*, 22 de setembro de 2011; Francisco, Carta Encíclica *Laudato si'*, 137–162).

A pedra de toque que nos permite avaliar este nosso empenho é o cuidado que temos pelos mais pobres e pelos pequeninos: crianças no ventre materno e nos diversos cenários de guerra, pessoas com deficiências físicas e intelectuais, idosos, migrantes, refugiados e todos os que a soberba exclui como improdutivos. São eles a prova definitiva das nossas afirmações de respeito à dignidade humana, cuja proteção e promoção se estendem também à criação. Em sentido contrário, encontra-se uma vontade de exploração e pilhagem que visa extrair o máximo possível de cada ser vivo, consumindo sem preservar, destruindo sem cultivar. Portanto, a atual crise ecológica é uma crise antropológica; além disso, a Igreja está convencida de que cada cultura encerra em si uma sabedoria, que amadurece num ecossistema dos povos. Sim, o *habitat* da pessoa humana é, sem dúvida, a sociedade: não um ambiente meramente físico – como o deserto ou o oceano para os animais –, mas moral e relacional. Na paz social, os povos prosperam segundo a justiça.

Consequentemente, a UNESCO encontra a síntese das suas elevadas tarefas educativas e científicas no trabalho paciente de construção da paz. Face às numerosas e complexas urgências do nosso tempo, o mundo olha para as instituições internacionais com sentimentos contraditórios. Por um lado, estas são chamadas a responder a desafios que nenhum Estado pode enfrentar sozinho; por outro lado, estas mesmas instituições enfrentam uma crise de eficiência, sobretudo quando o diálogo é considerado um freio à

ação em vez de um recurso para a paz, como uma forma de hipocrisia em vez de uma oportunidade de procurar em conjunto o bem. Perante estas derivas, é necessário promover a confiança, uma virtude que hoje parece tão rara quanto desejada: confiança de que as diferenças não constituem necessariamente uma ameaça, de que o diálogo sincero possa gerar um bem maior do que aquele que cada um poderia construir por si só. A Santa Sé deseja infundir esta confiança na UNESCO, tal como nas outras Organizações Internacionais, consciente de que cada povo possui uma riqueza a partilhar ao longo da busca daquele progresso autêntico, que só a paz pode garantir. Não se trata de pregar um otimismo ingênuo que ignore as dificuldades, mas sim de perseverar na esperança de que o bem é sempre possível. Cada filho que nasce traz consigo uma esperança. Cada homem e mulher que dedica a sua vida à busca da verdade realiza um ato de esperança. Por conseguinte, que a UNESCO testemunhe esta esperança, promovendo o entendimento entre as nações, através do diálogo entre as respectivas culturas. Acreditamos que a educação seja o instrumento para superar medos recíprocos e que a ciência possa servir a vida de cada ser humano, semeando no presente a boa colheita do futuro. Esta confiança alimenta a nossa esperança na caridade, ou seja, no serviço ao bem do próximo: dedicando-nos todos com coerência à nossa magnífica humanidade, a paz poderá finalmente florescer.

Ao colaborar nesta obra, as tradições religiosas desempenham um papel culturalmente necessário e insubstituível, e as religiões exprimem as nossas questões sobre a origem da vida e o seu fim, elaborando o sentido primeiro e último da existência, que se reflete nas escolhas quotidianas. Na verdade, quando os homens e as mulheres de boa vontade orientam as suas ações para Deus, o pluralismo das culturas não se dispersa na desordem de Babel. A humanidade encontra-se, pelo contrário, numa busca comum de sentido,

orientada para um destino que não é a morte. Não caminhamos para o nada. Por isso, a alma humana, na sua relação com Deus, toma consciência ainda mais intensamente do chamamento a cultivar a paz através de uma aliança entre povos que se reconhecem como filhos do mesmo Pai e como irmãos e irmãs entre si.

Espero, pois, que o nosso encontro reforce o compromisso de cada um em trabalhar incansavelmente, para que a consciência de pertencer a uma única humanidade se torne mais viva, ativa e reta. Quanto a isto, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos a todos os funcionários da UNESCO, que desempenham com competência e dedicação esta missão tão nobre: construir a paz cultivando todas as ciências e artes da humanidade.

Dirijo estas palavras a todos vós, aos povos que representais e, em especial, aos jovens. São precisamente as novas gerações que observam com maior atenção o que fazemos. Ao apoiar os seus anseios de justiça, com gratidão e estima invoco sobre todos vós e sobre as vossas Nações a abundância das bênçãos de Deus, Criador todo-poderoso e misericordioso. Obrigado.

[Voltar ao índice](#)

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS COM OS BISPOS, OS SACERDOTES, OS DIÁCONOS, OS CONSAGRADOS, AS CONSAGRADAS E OS SEMINARISTAS

Catedral de Notre-Dame de Paris

Sexta-feira, 25 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

A oração da tarde congrega-nos neste lugar que, há séculos, mais do que qualquer outro, convida Paris a erguer os olhos para o céu. Passaram-se sete anos desde que o mundo inteiro, com a respiração suspensa, viu a Catedral ser consumida por um incêndio terrível. Já naquela altura, consternados, levantámos os olhos, reconhecendo a impotência humana perante o imprevisível. Essa dor não era apenas dos católicos, nem apenas dos crentes. Naquela hora dramática, percebemos que Notre-Dame é mais do que um monumento. A participação coletiva na reconstrução e, hoje, o esplendor do resultado, revelam que neste lugar bate o coração de um povo, que estamos no centro vital de uma civilização, que o passado e o futuro se abraçam, que o céu e a terra se encontram.

Desejei encontrar-me convosco neste local simbólico da Igreja na França. É para mim uma alegria ter atravessado há pouco o seu limiar, tal como fazem todos os dias milhares de irmãos e irmãs que aqui vêm de todo o mundo. O simples facto de entrar aqui coloca-nos diante de uma beleza que fala ao nosso coração inquieto e o convida à paz. Ao devolver este

espaço a toda a humanidade, compreendemos bem até que ponto cada visitante pode deixar-se regenerar pelo que vê, escuta e experimenta. As instituições públicas, eclesiais e privadas envolvidas no restauro de Notre-Dame concorreram assim, com o seu contributo específico, para reativar os percursos culturais, existenciais e espirituais que a Catedral revela. Neste contexto, a Igreja cumpriu a sua missão não só em termos de conservação, mas também de criatividade, dando vida à tradição com a ousadia de quem tem fé e se orienta para a Esperança. Gostaria de agradecer ao senhor Arcebispo, aos seus colaboradores e à comunidade diocesana de Paris, que também conceberam um projeto pastoral de primeiro anúncio e de iniciação cristã acessível a todos. O batistério, que se encontra à entrada como uma bênção e um convite, é símbolo disso.

A reconstrução da Catedral foi ocasião para um encontro que alargou os espaços de acolhimento e participação para além das fronteiras da pertença eclesial. Queridos bispos, presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e seminaristas da França: deixai-vos inspirar pelo que aqui aconteceu! Dai prioridade à *Evangelii gaudium*, ou seja, àquela conversão missionária que o Papa Francisco nos testemunhou desde a sua primeira Exortação Apostólica.

Na Carta aos Gálatas, ouvimos a razão pela qual não devemos ter medo: «Deus enviou o seu Filho» (Gl 4, 4). Enviou-o para o meio de nós, para o nosso mundo! No texto paulino, o verbo descreve um acontecimento real, histórico, não circunstâncias ideais. Os cristãos não fogem da complexidade, pois o próprio Deus os chamou a seguir o seu Filho num mundo já habitado, já em movimento, já marcado pelas misérias e pela bondade dos seres humanos. O caminho da Cruz certamente revela as trevas que atravessam o mundo, mas revela, de forma mais radical, o amor de Deus que triunfa sobre a morte.

A planta em cruz da Catedral, onde as pedras e a luz se fundem, evoca o encontro entre a terra e o céu. Ela reúne e ordena os acontecimentos da história, feita de alegrias e sofrimentos humanos. Junta-os numa dinâmica simbólica que constrói uma linguagem viva a partir de diferentes expressões, agrupando-as em unidade.

Queridos amigos, é a partir da Encarnação – «Deus enviou o seu Filho» – que decorre a identidade da Igreja, chamada a estar sempre “em saída”. Como discípulos de Cristo, sabeis bem que a comunidade cristã não é um refúgio onde retirar-nos para nos protegermos do próprio tempo. Pelo contrário, ela oferece-se, à semelhança das antigas catedrais, como um espaço de acolhimento, respeito, revelação e sentido para todos. Aqui reside a força de uma Igreja viva: acolher a periferia, que já se encontra no seu coração; o distante, que, na realidade, já está próximo; o estrangeiro em quem Cristo já bate à porta.

Se Notre-Dame é o símbolo deste encontro no coração de Paris, as outras cidades e regiões da França, mesmo as mais periféricas e rurais, serão, com maior razão, transfiguradas por uma presença missionária, simples e benevolente, que contribua também para a harmonização das diferenças culturais e para a cura das feridas presentes nas nossas sociedades. Desde a costa do Norte ao Mediterrâneo, das regiões do interior aos Departamentos Ultramarinos, sede uma Igreja viva, multifacetada e próxima. A escassez de meios não impede a missão, pois é a graça de Deus que permite a liberdade interior e a sobriedade de vida, a fim de refletir o estilo evangélico. Em tudo isto, valorizai com confiança a presença missionária dos fiéis leigos, que são a viva linha de frente da Igreja nas encruzilhadas do mundo quotidiano.

Por outro lado, irmãos e irmãs, não devemos esquecer que, tal como todas as outras igrejas, o objetivo para o qual este Templo foi erguido é a oração e o louvor a Deus. É o local onde a comunidade cristã celebra a forma mais elevada de oração e louvor, renovando na Eucaristia o sacrifício redentor de Cristo. A Catedral não é um embrulho de pedra para admirar: ela vive dentro do mistério sagrado que nela é celebrado. Despojada da ação litúrgica, perderia a sua alma. Aqui, em Notre-Dame, esta verdade é evidenciada pela disposição do altar no centro. Assim, a comunidade que louva o Senhor encontra-se no coração do edifício e os visitantes, mesmo durante as celebrações, caminham à sua volta e observam-na. A Igreja revela-se aqui tal como é: um organismo vivo, uma comunidade crente que reúne, no louvor, tudo o que a cultura e a Tradição lhe transmitem. É um corpo que, ao celebrar, narra a quem quer que seja a razão pela qual existe.

Hoje, mais do que nunca, vivemos numa época que parece desprovida de plenitude, profundidade e promessas. A nobre simplicidade do canto, da palavra e do gesto litúrgico pode representar, para muitos, uma fresta de esperança, um oásis de paz numa sociedade hiperconectada e barulhenta, onde se pode experimentar a presença do Autor do amor maior: «Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho» (*Gl* 4, 4). A celebração do ano litúrgico, dos domingos e das festas, faz também de nós contemporâneos de Cristo, atentos aos diferentes momentos da sua vida entregue inteiramente ao Pai em favor do mundo. Tornamo-nos, desse modo, mais sensíveis e abertos aos sinais dos tempos. Com efeito, a escuta comunitária das Escrituras e a oração permitem-nos ver os acontecimentos históricos à luz de Deus, tornando-nos mais conscientes das nossas responsabilidades, desmascarando as relações de poder injustas e preservando os germes da justiça e da paz. É, portanto, a esperança que nos anima, e não a resignação. E é daí que nascem vínculos de maior

fraternidade, redes de solidariedade, fruto da comunhão no único Sacrifício de Cristo.

A vós, que celebrais diariamente a Eucaristia, peço que zeleis para que as celebrações litúrgicas sejam sempre vividas com dignidade e decoro, mesmo nos locais onde se reúnem comunidades pequenas. Sede herdeiros conscientes dos Padres e dos Santos da Igreja que, ao longo dos séculos, nos transmitiram o significado profundo e a beleza da liturgia, testemunhando sempre uma grande humildade perante o Mistério celebrado. O Concílio Vaticano II, cuja riqueza deve muito à França, recolheu e aprofundou essa herança de forma eminente, reconhecendo a sua centralidade na vida eclesial (cf. *Sacrosanctum Concilium*, 10). Exorto-vos, portanto, a todos – bispos, presbíteros, diáconos e pessoas consagradas – a cultivar um amor autêntico pela liturgia e a ser testemunhas e servos da vocação profética, sacerdotal e real de todo o povo de Deus.

Neste sentido, a liturgia continua a ser um reflexo da vida. A alegria eucarística afirma-se e difunde-se onde a harmonia é reencontrada, onde a dignidade renasce, onde a autoridade se torna serviço, onde a liberdade se coloca em caminho. É o maior dom que podemos partilhar. Colocai, portanto, a comunhão com o Sucessor de Pedro e com a Igreja acima das vossas sensibilidades pessoais, para cultivar a unidade do povo de Deus. Juntos, seremos a profecia de que é possível um mundo reconciliado.

Queridos bispos, presbíteros, seminaristas e consagrados, que fostes chamados a seguir Cristo: agradeço-vos pela vossa resposta e fidelidade ao Senhor. Nunca negligencieis essa amizade desejada pelo Senhor, que deve ser cultivada na oração pessoal, fundamento essencial de toda vocação. Como dizia Madeleine Delbrêl: «Sem a oração, não amaríamos o Deus do amor. Poderíamos ser seus servos, seus combatentes, ou até mesmo seus

discípulos; mas não seríamos nem os filhos amorosos do nosso Pai, nem os amigos [...] de Jesus Cristo» (*Notre vie*, tomo XV das Obras Completas, Nouvelle cité, 2017, p. 41). Cuidai, portanto, da vossa vida interior com o Senhor, aprendendo de muitos santos que vos precederam, bebendo sempre da fonte do amor infinito de Deus na oração silenciosa. A vossa missão parte, acima de tudo, desta relação íntima com o Senhor, que ali vos espera.

No coração da cidade, a Catedral aberta é o sinal de uma comunidade que louva o Senhor e que vive a hospitalidade não como um gesto ocasional, mas como a própria forma da sua existência, fazendo com que todos se possam sentir em casa, sem serem mais oprimidos nem marginalizados num mundo em mudança. «Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher [...] a fim de recebermos a adoção de filhos» (*Gl* 4, 4-5). E «se és filho, és também herdeiro» (*Gl* 4, 7). Herdeiros por graça, irmãos e irmãs aqui reunidos, cabe agora a cada um de vós, a esta assembleia orante e viva, tornar-se carne e voz desta promessa. Pastores e consagrados da França, fostes chamados a ser os primeiros guardiães desta casa aberta, pedras vivas de uma Igreja que espera e não teme o futuro. Esta Catedral renasceu para que possais renascer com ela num impulso de santidade e de missão quotidiana. No meio do vosso povo, sede a expressão límpida da maternidade divina da Igreja que, ao testemunhar o amor de Deus, recompõe e cura a família humana.

Ergamos o olhar para a estátua do século XIV da Virgem com o Menino, que o incêndio não conseguiu danificar e que volta a resplandecer diante de nós. Maria, que acolheu o Verbo no seu seio, proteja a vossa fidelidade e seja a estrela que guia a missão da Igreja na França. Santa Maria, Nossa Senhora de Paris e Mãe da Igreja, rogai pelo povo francês, amparai os seus pastores e caminhai sempre ao nosso lado.

[Voltar ao índice](#)

VIGÍLIA DE ORAÇÃO COM OS JOVENS

«Stade de France», em Saint-Denis

Sexta-feira, 25 de setembro de 2026

Diálogo do Santo Padre

Pergunta da Chloé

Santo Padre, agradecemos a sua presença entre nós nesta noite e este momento de diálogo que nos proporciona.

Chamo-me Chloé, tenho 25 anos e estou a concluir os meus estudos em farmacologia. Faço parte de um grupo de jovens católicos dos bairros populares da Île-de-France chamado La Cité Céleste. Em particular, organizamos eventos pontuais, como noites de adoração e louvor, que reúnem muitos jovens do bairro desejosos de viver e partilhar amplamente a sua fé. Também estou empenhada na minha paróquia, mais especificamente com os jovens do ensino secundário. Por meio destas diferentes atividades, gosto particularmente de colocar as minhas forças e competências ao serviço dos outros, criando uma ligação entre a fé, os jovens e as realidades vividas diariamente nos nossos bairros.

Como diz São Paulo, «para nós, viver é Cristo». No entanto, a sociedade em que vivemos assenta noutros princípios e, por vezes, parece até alheia à questão de Deus. Desejamos anunciar Cristo àqueles que nos rodeiam com força e perseverança, mas também, naturalmente, com respeito e delicadeza para com aqueles que encontramos. Como podemos

conciliar a força do nosso ímpeto missionário com a autenticidade de uma vida fraterna junto daqueles que não partilham a nossa fé?

Queridos amigos, a primeira coisa que eu gostaria de vos dizer é muito simples: obrigado! Obrigado a Deus, obrigado a vós, obrigado pela vossa coragem, obrigado pela vossa presença, obrigado pela vossa fé! Vós sois os santos da França!

E obrigado, Chloé, pela tua pergunta. A frase de São Paulo que citaste não é uma simples afirmação. É uma verdadeira síntese da sua vida. Em poucas, mas decisivas palavras, ele faz uma oração de louvor, um ato de fé e aponta um caminho de santidade até ao martírio. «Para mim, viver é Cristo» (*Fl* 1, 21): ao repetirmos esta declaração de amor, procuramos partilhar a experiência do Apóstolo. Ele, verdadeiramente, testemunha-nos que Deus nunca permanece alheio à sua vida, mas, pelo contrário, vai ao seu encontro: chama-o para junto de si, transforma-o interiormente, envia-o ao mundo.

Também hoje, todos nós estamos envolvidos nesta dinâmica espiritual: como disseste, é verdade que a sociedade em que vivemos parece ser indiferente a Deus. Mas o Senhor não é indiferente para conosco! É o que importa e nos dá sempre esperança. Que muitos estejam alheios à questão de Deus é realmente um problema; mas é igualmente um problema que muitos estejam alheios à questão do homem. Quantas pessoas, infelizmente, se desinteressam do próximo, vivendo de modo egoísta, ou ofendendo os pobres, por meio do desperdício de bens em coisas fúteis. Quantos rejeitam o inocente e o doente, pensando que cada um vale pelo que produz. Penso, em particular, no teu empenho nos bairros populares da Île-de-France com

La Cité Céleste: é aí, na realidade da vida quotidiana e, por vezes, nas dificuldades, que a tua fé se torna um testemunho vibrante de esperança.

Ao afirmar que Deus está morto, é o homem quem se perde: se Deus não está com ele, o homem já não tem salvação e perde o sentido da existência, que se reduz a um beco sem saída ou ao nada. Pelo contrário, quem diz «Para mim, viver é Cristo» experimenta exatamente o oposto. Em Cristo, sabemos que Deus nunca é indiferente ao homem! Por meio de Jesus, crucificado e ressuscitado, Ele dá a sua própria vida, para que nós vivamos. Eis, então, a forma de anunciar Cristo que conjuga coragem e respeito: anunciá-lo como Evangelho da salvação, como palavra de verdade e vida. Este Evangelho é boa notícia para todos, anúncio libertador e regra de vida nova.

Com efeito, o Evangelho de Jesus não leva ao conflito, mas convida sempre ao perdão: enquanto ilumina o drama da história, ensina-nos o cuidado fraterno. O encontro com Cristo abre caminho ao diálogo e dispõe à paz, pois oferece a cada homem e mulher a promessa maior, que satisfaz todos os desejos: a promessa da vida eterna.

Querida Chloé, queridos jovens, a experiência religiosa de cada pessoa expressa esta busca de sentido que inspira a alma humana. Em Jesus, o Redentor do mundo, Deus dá-se a conhecer falando «aos homens como amigos» (Const. dogm. *Dei Verbum*, 2): Ele é a fonte de água viva, a luz nas trevas. Portanto, na alegria da fé exclamemos juntos esta noite: *para nós, viver é Cristo!* Digamos juntos: para nós, viver é Cristo!

Graças a Ele, podemos unir o ímpeto missionário à experiência de fraternidade para com aqueles que não acreditam ou que pertencem a outras tradições religiosas. Esta fraternidade, feita de escuta e estima mútua, tem

as suas raízes na unidade da família humana, que ao longo da história expressou a dimensão religiosa como característica vital de cada povo.

Cultivar um vínculo fraterno com aqueles que não partilham a nossa fé contribui, pois, para a construção da sociedade; além disso, pode transformar-se num exercício de fé e caridade, pois é impossível testemunhar Cristo sem amar aqueles a quem queremos anunciá-lo. Um sinal encorajador desta fraternidade são os encontros entre jovens da região mediterrânica que têm ocorrido nos últimos anos.

A mensagem cristã não constitui um obstáculo à convivência fraterna; pelo contrário, promove-a, pois convida livremente cada um a ouvir uma boa notícia de paz e salvação. Da mesma forma, a nossa missão não está em contradição com o respeito pelas outras religiões, porque a Igreja não rejeita nada do que nelas se encontra de verdadeiro e de santo (cf. Declaração *Nostra aetate*, 2). Obrigado!

Pergunta do François

Santo Padre, obrigado por ter vindo reforçar a nossa fé e o nosso desejo de testemunhar o Evangelho!

Chamo-me François Bigot, cresci na zona rural da Borgonha e, atualmente, sou estudante de agronomia na UniLaSalle. Gosto de dedicar o meu tempo à beleza da liturgia; sirvo a minha diocese na organização da peregrinação de bicicletas de montanha de Nevers, e na preparação de uma nova peregrinação borgonhesa. Sou também chefe escuteiro e estou comprometido com a pastoral universitária da instituição onde estudo.

Nós, jovens, queremos entregar-nos ao serviço dos mais frágeis, da paz no nosso país e no mundo, da Igreja de Cristo! No entanto, muitas vezes é

difícil compreender como orientar a nossa vida para nos doarmos sem reservas, com fidelidade, sem por isso nos dispersarmos ou perdermos a coragem, dado que a tarefa, às vezes, parece imensa. Frequentemente, a ansiedade e a incerteza fragilizam o entusiasmo da nossa juventude. Santo Padre, como podemos discernir onde o Senhor nos espera a servir e a oferecer a nossa vida?

Há muitos escuteiros aqui? Oh, muito bem, sejam bem-vindos!

Em primeiro lugar, agradeço-vos muito o vosso compromisso. É para mim uma grande alegria ver-vos tão numerosos, animados pela vontade de vos colocardes ao serviço da paz, que nos faz crescer como homens e mulheres, transformando os medos em esperança e as lamentações em responsabilidade. Hoje, esta grande missão é mais urgente do que nunca, pois convida-nos, no coração das atuais transformações tecnológicas e digitais, a navegar com discernimento, sem menosprezar a nossa humanidade. Em particular, quando nos dedicamos à proteção dos pequeninos e dos mais fracos, reconhecemos a nossa própria fraqueza, na qual todos nos encontramos. Esta fragilidade própria da vida humana não nos assusta, mas une-nos enquanto criaturas que se descobrem irmãos e irmãs em Cristo. É Ele o primeiro a entregar-se a nós, e o sinal vivo desta graça é a Eucaristia, «fonte e centro de toda a vida cristã» (*Lumen gentium*, 11). Deste sacramento, que sustenta a nossa fé, retiramos a força para nos entregarmos, por nossa vez, ao próximo, imitando a gratuidade do Senhor Jesus. A busca da justiça e da paz obriga-nos a tomar consciência dos conflitos que nós próprios vivemos e a purificar o nosso coração. Então, ao empenharmo-nos no serviço a Deus e aos outros, as nossas feridas encontram consolação e redenção.

Não existe fracasso do qual Deus não nos possa levantar: a sua misericórdia é a nossa alegria. No entanto, falastes sobre ansiedade e incerteza como obstáculos ao vosso entusiasmo. São estados de espírito muito comuns, devido à precariedade dos projetos de futuro, ao caráter provisório dos afetos e à fragilidade das relações. A estes sentimentos juntam-se outros que pesam sobre a vossa geração, como, por exemplo, o cansaço digital e a ansiedade perante as alterações climáticas ou a situação económica e internacional. Sim, é preciso prestar atenção a estes sentimentos. Convido-vos, queridos jovens, a manter o coração aberto perante os sofrimentos dos vossos amigos. Ao mesmo tempo, a experiência da fragilidade – de qualquer fragilidade – torna-se oportunidade de testemunho para um discípulo de Cristo. Quem segue Jesus no caminho do serviço humilde e gratuito é liberto da angústia e reencontra um novo entusiasmo, experimentando alegria e paz interiores: sentimentos que não são passageiros nem subjetivos, mas enraizados na certeza da fé da qual juntos damos testemunho como Igreja.

Sim, juntos formamos a Igreja: frágil e santa, tal como vasos de barro que guardam um tesouro (cf. 2 *Cor* 4, 7). É outra vez São Paulo que nos lembra que é precisamente na fraqueza que somos fortes (cf. 2 *Cor* 12, 10). Sobretudo nos momentos de dificuldade, Deus sustenta a nossa liberdade e encoraja-nos com a sua graça. Ele quis viver como homem, para que pudéssemos viver com Ele, para sempre, como testemunhas alegres da esperança.

Queridos amigos, é nesta amizade com Jesus que se realiza o nosso discernimento, uma reflexão que se faz invocando o Espírito Santo. Trata-se de um exercício constante para caminharmos de forma ordeira e segura.

Como discernir corretamente? Em primeiro lugar, lembrai-vos que a palavra do Senhor é sempre um farol para os nossos passos (cf. *Sl* 119, 105). À luz do Evangelho, a formação espiritual passa pela oração e pelo serviço, pela adoração e pela ação, pelo silêncio – aquele silêncio tão raro e necessário, longe do barulho dos meios de comunicação – e pelo anúncio.

Depois, olhai para o exemplo dos santos: mesmo na perseguição, estes nossos irmãos e irmãs abriram caminhos de paz. Olhai para os sacerdotes apaixonados por Cristo, como Santo Eugénio de Mazenod e São João Maria Vianney; olhai para a beleza mística de Santa Teresa de Lisieux; para a Beata Pauline Jaricot, fervorosa na caridade e na missão; para a coragem dos cinquenta mártires do apostolado do período da Segunda Guerra Mundial, que serviram os seus irmãos até ao sacrifício da vida. Estes santos mudaram a história, tendo levado muitos do sofrimento à esperança, porque, acima de tudo, mudaram o seu próprio coração, transformando-o à luz da fé.

Queridos jovens, enquanto procurais a vossa vocação, tende a certeza de que o Senhor não vos fala de forma confusa, mas se dirige a cada um, chamando-vos pelo nome e convidando-vos a segui-lo, porque vos ama. Ao acolherdes o seu Evangelho com mente lúcida e coração puro, compreendereis como Jesus vos chama a servir. Trata-se sempre de um dom de vida: pleno, fiel, cheio de amor. Para vencer a ansiedade e a incerteza, tende a coragem de dizer uma única palavra, simples e belíssima: obrigado. Obrigado, Jesus, pelo teu amor.

É por isso que agora, sem medo, mas com confiança e cheios de alegria, já podemos todos dizer, todos juntos, seguindo os passos dos santos: “Eis-me aqui, Senhor!”. Todos juntos: eis-me aqui, Senhor!

E dirijo-me àqueles entre vós – e são tantos aqui esta noite – que sentem o chamamento para seguir Jesus pelo caminho mais estreito do sacerdócio ou da vida consagrada. Queridos amigos, a Igreja na França precisa muito de vós! Reza por vós! Espera por vós! Queridos amigos, não tenhais medo deste chamamento! Tende coragem, tendes confiança em Jesus, que quer fazer de vós os seus amigos mais próximos: Ele não vos causará desilusão e estará sempre ao vosso lado; a vossa vida será maravilhosamente bela e fecunda.

Para concluir, podemos retomar esta oração que São João Paulo II nos deixou: «Mestre, Vós que amais e respeitais a pessoa humana, Vós que partilhastes o sofrimento dos homens, que desvelais o mistério da existência humana, fazei-nos descobrir o verdadeiro sentido da nossa vida e da nossa vocação!» (*Homilia na XII Jornada Mundial da Juventude*, Paris, 24 de agosto de 1997). Obrigado!

Meditação do Santo Padre

Durante a noite, a luz parece-nos ainda mais resplandecente. Foi assim, queridos jovens, que juntos ouvimos as palavras de São Paulo. Queremos colocá-las no alto, como uma chama que ilumina não só a oração de cada um, mas toda a história da Igreja. O Apóstolo observa o seu tempo e acolhe a inspiração divina, ou seja, o Espírito Santo, que sempre abre perspectivas luminosas para o futuro. Sim, Deus é o Senhor da história e, aconteça o que acontecer, leva-a para a salvação: em Cristo, todo mal tem um fim, precisamente porque o fim se torna início de uma vida nova e eterna.

Caríssimos, para iluminar a nossa época e transformar o presente à luz do Espírito, lembremo-nos, acima de tudo, que também nós, tal como Timóteo, somos homens e mulheres *de Deus*. Esta expressão escolhida por

São Paulo – *de Deus* – significa um vínculo, não uma posse. Quem vive com Deus é *livre*: livre de tudo o que obscurece a vida, tornando-a vazia e sem sentido. Jovens da França, guardai no vosso coração um imenso desejo de liberdade, palavra que ressoa com força na vossa cultura. Mas, qual é a fonte da verdadeira liberdade? Jesus indica-nos isso claramente quando diz que é a verdade que nos tornará livres (cf. *Jo* 8, 32); e que a Verdade é Ele próprio (cf. *Jo* 14, 6). Eis, portanto, a fonte da verdadeira liberdade: a relação viva com Jesus.

Com efeito, a companhia do Senhor confere *sabedoria* aos nossos projetos e beleza aos desejos que trazemos no coração. Deus atravessa a nossa alma como uma luz, chamando-nos a uma permanente renovação, a uma conversão que dá pleno sentido à existência, porque nos torna agentes de uma história que passa da confusão à busca da verdade, da indiferença ao compromisso com a justiça. São Paulo diz isso com três verbos, que apelam à nossa liberdade: *foge, procura, combate*.

O Apóstolo escreve a Timóteo: antes de mais nada, “foge dessas coisas”, a saber, orgulho, vaidade, violência, avidez (cf. *1 Tm* 6, 4.10), sentimentos que nos dominam e controlam. O egoísmo que os caracteriza esconde uma solidão assustadora. Para saborear a proximidade de Deus e a fraternidade humana, é preciso, portanto, rejeitar essa ânsia que consome as relações sem doação, que se preenche de coisas sem nos alimentar. Esse estilo de vida leva-nos a querer ter tudo, mas a não ser ninguém; a receber uma quantidade de *likes*, mas permanecendo sozinhos conosco mesmos.

Quando decidimos não seguir esse estilo, começamos então a *procurar* «a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança, a mansidão» (v. 11). Sim, quem vive com Deus procura o melhor: é em constante aperfeiçoamento. O seu desejo busca a virtude, ou seja, a força que o torna bom e verdadeiro.

Queridos amigos, a dinâmica que caracteriza a existência cristã carrega um nome preciso: chama-se *caminho de santidade*. É a via que o Senhor abre diante de cada um de nós, acompanhando-nos ao longo do caminho. E quantos filhos e filhas desta amada terra de França se deixaram conduzir por este percurso! Por exemplo, pensemos no Beato Marcel Callo, um jovem francês, escuteiro e trabalhador que, na escuridão do campo de concentração, nunca deixou de procurar o bem, mantendo-se interiormente livre.

À medida que avançamos neste caminho de santidade, torna-se claro que não basta evitar o mal: é preciso escolher o bem. Não se trata de um princípio abstrato, nem de uma afirmação óbvia: escolher o bem é a ação própria da liberdade e, ao realizá-la, a própria liberdade se concretiza, se corrige e amadurece. Para fazer as escolhas certas, lembrai-vos deste critério: o bem dá a vida, nunca a tira; cuida dos outros, não é egoísta. O bem não é um conceito bonito, mas o rosto radiante do amor: é Deus em pessoa! As virtudes que São Paulo nos indica como reflexos da sua bondade são estas: a justiça para com a humanidade; a piedade e a fé para com Deus; a caridade para com todos; a paciência para com quem nos faz sofrer; a mansidão que caracteriza quem busca a paz com a alma pura. Os princípios de igualdade e fraternidade que inspiram a vossa sociedade encontram aqui o seu fundamento: mais do que meras prescrições legais, são as escolhas radicais e corajosas de um coração livre. Fazer nossas estas qualidades não é apenas um esforço ético: é a escolha de nos tornar homens e mulheres autênticos, livres de compromissos.

A este respeito, o Apóstolo transmite-nos um terceiro verbo: *combater*. Realmente, *fugir* do mal e *procurar* o bem implica *combater*. Combater, sim, como fez São Paulo, frequentemente representado com uma espada nas mãos, sinal da Palavra de Deus, «espada do Espírito» (Ef 6, 17). Este verbo

ressoa com força aqui na França, terra de Santa Joana d'Arco, uma jovem que soube combater com audácia. Mas atenção: a luta para a qual somos chamados é a da fé, ou seja, a dedicação por viver segundo o Evangelho; como discípulos de Jesus, o Filho de Deus que faz de todos nós irmãos e irmãs. É em seu nome que temos a força dos justos, para resistir à tentação. É em seu nome que temos a perseverança dos mansos, para nos dedicarmos ao bem. O nosso combate não é uma luta contra os outros e não recorre às armas da violência, do desprezo ou da opressão. A nossa única arma é o amor que se doa. Sabemos, infelizmente, que existem forças contrárias à nossa ligação com Deus, potências que visam dividir pessoas e povos, colocando-os uns contra os outros. Estes males não têm apenas uma face violenta, mas, às vezes, também uma aparência insidiosa, porque prometem precisamente aquilo que nos tiram, ou seja, a felicidade. Porém, quando nos sentimos envoltos na sua escuridão, a luz do Espírito Santo nos ilumina e nos conforta: esta noite, portanto, escolhamos juntos as virtudes que devemos cultivar para seguir o Senhor.

Não estamos sozinhos neste caminho de santidade, porque o percorremos unidos a todos os nossos irmãos e irmãs que nos rodeiam. Aliás, podeis experimentá-lo nesta noite e durante os grandes encontros, como as Jornadas Mundiais da Juventude. Além disso, temos como aliados os santos: são amigos que nos apoiam nas provações. Caríssimos, quando as escolhas da vida exigirem coragem, implorai a sua intercessão e imitai o seu exemplo: como cantámos nas litânias, o encorajamento dos santos assegura-nos que nunca estamos sós na oração nem isolados na Igreja. Especialmente neste tempo, peçamos a sua ajuda para sermos artífices da paz: desejo eterno de Deus e compromisso constante da humanidade! Esta noite mencionei alguns deles. Peçamos também a Santa Teresinha do Menino

Jesus que nos ensine a sua “pequena via” do amor quotidiano, fundamento sólido de toda a paz duradoura.

O Senhor realiza esta paz na Aliança que estabelece com todos nós por intermédio de Jesus, o Cristo. Por isso, ao indicar o fundamento da nossa experiência de fé, São Paulo fala não só do que podemos fazer em resposta a Deus, mas também do que Deus faz por nós. O Apóstolo resume-o num episódio: Jesus perante Pilatos, a verdade do amor perante a hipocrisia do poder. O “bom combate” coincide com o “belo testemunho” (cf. *1 Tm* 6, 12-13). Isso é demonstrado pelo uso de um adjetivo idêntico: *kalos*, que aqui significa *bem feito*. A obra bem feita, aquela que é boa, é a redenção que Jesus realiza por nós. Na sua luta contra o pecado e a morte, a vitória de Cristo liberta-nos: salva-nos de todo o mal e convida-nos a todo o bem.

Nesta perspectiva, contemplemos as duas relíquias que nos foram apresentadas: a túnica e a cruz. Uma é o que foi tirado a Cristo; a outra, o que foi dado a Cristo. Nesse sentido, ambas são sinais da sua paixão: Jesus é despojado da sua túnica para nos revestir com a veste branca, lavada «no sangue do Cordeiro» (*Ap* 7, 14). É assim que a cruz, de instrumento de morte, passa a ser sinal de esperança: juntas, a túnica e a cruz representam a nós, a Igreja que nasce da vida de Deus doada ao mundo. Queridos jovens, para crescer em santidade e melhorar a nossa sociedade, sede testemunhas luminosas deste Evangelho, ou seja, da boa nova que é o próprio Cristo, o nosso Salvador: «A Ele, honra e poder eterno! Ámen!» (*1 Tm* 6, 16).

[Voltar ao índice](#)

VISITA AO CENTRO DE ACOMPANHAMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL MAISON BAKHITA

Maison Bakhita (Parigi)

Sábado, 26 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Estou feliz por começar convosco este meu segundo dia em Paris, nesta casa que testemunha a toda a cidade ser possível encontrar-se e viver juntos com dignidade e em paz. Agradeço à Arquidiocese de Paris, às Irmãs Scalabrinianas e a todos os trabalhadores e voluntários que dão vida a este lugar e estão ao serviço de quem aqui encontra acolhimento, escuta, formação e amizade. Em especial, dirijo um sincero “obrigado” àqueles que partilharam o seu testemunho.

O nome do vosso Centro de Acompanhamento e Integração Social, ao fazer referência a Santa Bakhita, incentiva-nos a reconhecer o papel fundamental das mulheres na construção de uma civilização do amor, alternativa à cultura que desagrega as comunidades e torna as cidades doentes de solidão. A história da Igreja e da humanidade, se bem observada, não é escrita por quem parece vencer, impondo-se e ocupando o espaço, mas por quem “abre espaço”, inicia processos de paz, gera confiança e encoraja à vida. Não se trata de meros sentimentos, mas de decisões e investimentos contra a corrente, cuja importância pública e promessa de futuro compreendemos cada vez melhor. Santa Bakhita compromete-nos a ver quem não é visto, a resgatar quem hoje a economia e a cultura fazem

escravo, a honrar a dignidade infinita de cada irmão e irmã, nos quais o próprio Jesus bate à nossa porta.

Caríssimos, «a realidade é que, para os cristãos, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo. Com efeito, não basta limitar-se a enunciar de modo genérico a doutrina da encarnação de Deus. Para entrar verdadeiramente neste mistério, é preciso especificar que o Senhor se faz carne que tem fome e sede, que está doente e na prisão» (Exort. ap. *Dilexi te*, 112). O Cristo pobre e crucificado deixa-se encontrar e amar nos homens e nas mulheres que nos chamam a sair de nós mesmos e a ousar a caridade.

Irmãs e irmãos, a intuição mais importante que inspira o vosso empenho diz respeito à troca de dons que se renova em cada encontro. Ninguém é tão pobre que não tenha algo para oferecer; ninguém é tão rico que não tenha algo a receber. Há vida em abundância ali onde os limites de cada um se abrem à presença misteriosa dos outros, nos quais Outro por excelência, o Deus da vida, se faz próximo. Isto não nega as dificuldades que o pecado introduziu na história, mas ajuda-nos a não permanecermos seus prisioneiros. Anunciamos que a redenção é possível, que já começou, é em curso e nos envolve, enquanto membros vivos do Corpo de Cristo.

E não nos esqueçamos que «não pode o olho dizer à mão: “Não tenho necessidade de ti”, nem tão pouco a cabeça dizer aos pés: “Não tenho necessidade de vós”. Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários» (1 Cor 12, 21-22). São as palavras de São Paulo aos cristãos de Corinto, uma das metrópoles mais ricas e dinâmicas do seu tempo. Ali, o Evangelho tinha sido acolhido por pessoas de diferentes origens e estratos sociais, entre as quais muitos pobres e escravos (cf. 1 Cor 1, 26-29), tal como alguns de vós hoje. «Mas Deus –

escreve ainda o Apóstolo – dispôs o corpo, de modo a dar maior honra ao que dela carecia, para não haver divisão no corpo e os membros terem a mesma solicitude uns para com os outros» (1 Cor 12, 24-25).

Agradeço-vos, portanto, pelo vosso trabalho, bem como a todas as pessoas que, em toda a França, prestam este serviço em instituições semelhantes. Continuai a dar testemunho do cuidado mútuo que, por meio do acolhimento fraterno, dos percursos formativos e do diálogo com a cidade, eleva o espírito e humaniza o mundo. Que Santa Bakhita e os grandes testemunhos da caridade que moldaram a presença da Igreja na França, especialmente em épocas de mudanças conturbadas, intercedam por vós. Obrigado! O Senhor vos abençoe.

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO COM OS MEMBROS DA ASSEMBLEIA SINODAL PROVINCIAL, OS CATECUMENOS E OS NEOFITOS

Instituto Católico de Paris

Sábado, 26 de setembro de 2026

Excelências,

queridos sacerdotes e pessoas consagradas,

queridos membros da Assembleia Sinodal,

queridos catecúmenos e neófitos, irmãos e irmãs,

Estou feliz por me encontrar convosco e por poder refletir, nesta Viagem Apostólica, sobre o caminho que estais a percorrer na Assembleia Eclesial Provincial.

Agradeço a Sua Excelência Reverendíssima Dom Laurent Ulrich, Arcebispo de Paris, que salientou a importância histórica e espiritual do local onde nos encontramos, recordando também o Frade Lourenço da Ressurreição, que marcou profundamente o meu percurso de fé com a sua mística do quotidiano. Mas, acima de tudo, expresso a minha gratidão pelo *Instrumentum Laboris* que me entregastes, manifestação de um percurso eclesial no qual o Povo de Deus esteve envolvido, num estilo de escuta mútua e de sinodalidade.

Hoje, somos acolhidos pelo *Institut Catholique de Paris*, uma instituição situada na intersecção entre a ciência e a fé, que há séculos

contribui para formar mentes e corações ao serviço do Evangelho. Saúdo os professores, os estudantes e os funcionários desta universidade, mas também todos os membros desta Assembleia Provincial, empenhados em refletir sobre as perspectivas pastorais para o acolhimento dos neófitos e catecúmenos, bem como sobre a vida da Igreja.

Ao observar de perto o trabalho que estais a realizar, mas sobretudo ao ouvir os testemunhos de Josué, Marielle e Sophie, sinto, antes de mais, uma grande gratidão pela imprevisível obra de Deus. Tal como vós e juntamente convosco, fico surpreendido com o número de pessoas que retomam o caminho da fé e com a quantidade de adultos que solicitam os sacramentos da iniciação cristã.

Pode parecer paradoxal que este fenómeno, em que tantas pessoas redescobrem o Evangelho e abraçam a fé, aconteça no contexto de uma sociedade como a francesa, marcada por uma cultura fortemente secularizada. A vossa experiência e testemunho, queridos catecúmenos e neófitos, são o sinal tangível da ação da graça de Deus, que vai além das análises estatísticas e sociológicas. Este fenómeno, que contradiz qualquer atitude derrotista e aquilo que Papa Francisco chamava de “pessimismo estéril” (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 84-86), deve ser acolhido com espírito de responsabilidade.

Somos, na verdade, chamados a dirigir-nos aos nossos irmãos e irmãs, redescobrimo o estilo próprio de Deus, feito de proximidade, compaixão e ternura. Com ternura pastoral e caridade fraterna, devemos reconhecer, acolher e guardar a pequena chama que o Espírito Santo acendeu na escuridão da noite, a pequena semente que aspira a crescer mesmo no meio dos espinheiros.

O espanto perante o que está a acontecer a muitos dos nossos irmãos e irmãs não deve fechar-nos numa alegre ingenuidade; pelo contrário, devemos comprometer-nos, procurar, questionar e empreender ações pastorais concretas. É este o espírito que anima a vossa Assembleia Sinodal e, de um modo mais geral, o caminho da Igreja em França: maravilhados com a imprevisível obra de Deus, o que devemos fazer e para onde nos impele o Espírito a fim de acompanhar os catecúmenos, os neófitos e os que recomeçam?

Em primeiro lugar, gostaria de recordar uma expressão utilizada pelo Episcopado francês há alguns anos e exortar-vos a imaginar e a encarnar uma Igreja em “estado de iniciação”, que se preocupa com o percurso dos catecúmenos, dos neófitos e dos que recomeçam, oferecendo-lhes, ao longo do tempo, um acompanhamento sólido e constante. A iniciação cristã, no seu conjunto, tem estado verdadeiramente no centro das preocupações dos Pastores desde os anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial. Já nessa altura havia inúmeros pedidos, e o fermento teológico e litúrgico daqueles anos contribuiu em grande medida para a renovação dos percursos do catecumenato que se realizou durante o Concílio Vaticano II. Embora hoje o contexto seja diferente, podeis recorrer a esta tradição pastoral que é bem enraizada no que diz respeito ao acompanhamento dos catecúmenos. Não esqueçamos, aliás, que esta prática já em vigor foi revigorada a partir de 1996, ano em que vieram à luz a *Carta aos Católicos da França* e, ao mesmo tempo, a última edição francesa do *Rito de Iniciação Cristã dos Adultos*.

Queridos irmãos e irmãs, estar em “estado de iniciação” significa acolher as pessoas que se aproximam pela primeira vez de Deus, vendo nisso uma oportunidade e uma missão: a oportunidade reside no facto de que, graças a elas, também a comunidade dos fiéis renova o seu caminho de

fé e experimenta a alegria do Evangelho de modo renovado. A missão, neste contexto, consiste em cuidar delas e servir de guia, mesmo depois de terem recebido os sacramentos. É preciso acolher com alegria quem se apresenta, partir da sua experiência espiritual, respeitar a sua história e favorecer um anúncio essencial do *kerygma*, também através das fórmulas conhecidas no percurso pessoal ou comunitário. Não esqueçamos, porém, que em muitas destas pessoas surge depois a pergunta que ouvimos no testemunho da Marielle: como evitar o vazio pós-batismal?

Portanto, após o Batismo, é necessário acompanhar e integrar plenamente estas pessoas nas nossas comunidades e grupos de oração, oferecendo-lhes um espaço familiar e uma formação o mais integral possível, capaz de abranger os diversos aspectos da vida cristã e de promover a união entre fé e vida. Com efeito, os neófitos precisam de aprofundar os fundamentos da fé cristã, de ser devidamente formados do ponto de vista bíblico e teológico, e de descobrir cada vez mais a riqueza da doutrina e as diversas dimensões da ação moral cristã ligadas à profissão de fé.

Por último, mas não menos importante, eles ainda precisam de ser iniciados e introduzidos na vida litúrgica da Igreja. Também nos testemunhos ouvimos como a celebração dos ritos litúrgicos foi para alguns uma porta de entrada no próprio mistério da fé. Trata-se de um âmbito fundamental da vida da Igreja, que exige uma atenção pastoral radicada nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Realmente, a liturgia não pode ser considerada como uma realidade “posterior” à catequese, na qual se aplica o que foi aprendido ao longo do percurso. Pelo contrário, ela manifesta e atualiza o Mistério da Páscoa de Cristo e, por isso, é um acontecimento capaz de revelar o sentido da Boa Nova e a própria vida de Deus. Com os

seus ritmos, linguagens e ritos, a liturgia faz parte do mesmo caminho de conversão e preparação para os sacramentos.

Para levar a cabo esta missão, o papel dos formadores é essencial. Tal como nos ensina a antiga tradição da Igreja, trata-se de preparar padrinhos e madrinhas da comunidade, especialmente formados para iniciar os neófitos. No contexto desta formação, recomendo um conhecimento aprofundado do *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. Paralelamente, é necessário que os agentes pastorais sejam formados – não só nos âmbitos bíblico, teológico, litúrgico e da vida espiritual, mas também no campo das qualidades humanas –, a fim de saberem discernir e orientar aqueles cujos percursos de vida são mais complexos e menos lineares. Ouvimos há pouco: há quem chegue com uma simples sede espiritual, uma busca de sentido e uma atração pelo Evangelho, enquanto outros estão marcados por experiências dolorosas, situações de solidão e feridas profundas. É aí que o estilo da proximidade, da compaixão e da ternura ganha todo o seu sentido: é preciso encontrar um sábio equilíbrio para os acolher, escutar e, ao mesmo tempo, encorajar a enfrentar os exigentes desafios da fé. Trata-se de um caminho em que é necessário respeitar o ritmo do outro, avançando progressivamente, com atenção e num acompanhamento fraterno. Trata-se de adotar o estilo do “caminhar juntos”. Nos caminhos da fé cristã, enriquecemo-nos mutuamente e crescemos juntos: sacerdotes e leigos, padrinhos e catecúmenos, animadores pastorais e neófitos.

No entanto, isso ainda não seria suficiente. Os recém-batizados não são chamados apenas a receber: a sua fé é um tesouro que é oferecido à Igreja da França e à Igreja universal.

Penso no que aconteceu a um dos catecúmenos mais famosos da história, Santo Agostinho. Foi iniciado na fé por Santo Ambrósio, e a sua fé

era apenas uma pequena semente quando foi batizado. Mas essa semente cresceu e multiplicou-se, tornando-se uma árvore tão grande que, sob a sua folhagem, ainda hoje podemos encontrar conforto.

Ao olhar para vós, queridos catecúmenos e neófitos, vejo não só o fruto do Espírito que vos pôs neste caminho, mas também uma promessa de fecundidade para a Igreja na França. Sede também vós missionários do Evangelho nesta sociedade!

As grandes testemunhas desta amada nação vos apoiem no vosso caminho. Penso em Santa Teresinha do Menino Jesus, que nos ensina, através da sua “pequena via”, como a confiança abre as portas da graça; ou em São Martinho de Tours, figura emblemática da partilha e da caridade fraterna. Com tantos outros santos e santas originários desta terra da França, eles lembram-nos que a missão é construída hoje, preservando, acima de tudo, a presença do Senhor na vida quotidiana.

Acolhendo-vos uns aos outros, que possais formar, todos juntos, o povo vivo da Igreja na França, capaz de transmitir a fé. Invocando a proteção maternal da Virgem Maria, Padroeira principal da França, e a intercessão de Santa Genoveva e de São Denis, protetores desta cidade, concedo-vos, de todo o coração, a minha bênção.

Obrigado e bom caminho!

[Voltar ao índice](#)

SANTA MISSA

HOMILIA DO SANTO PADRE

Place de la Concorde, Paris

Sábado, 26 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Agradeço a Deus a graça que me foi concedida de estar aqui, nesta Praça da Concorde, a celebrar a Eucaristia. Sim, como é bom e agradável encontrarem-se os irmãos e irmãs (cf. *Sl* 133, 1), para glorificar a grandeza de Deus! Que a minha presença entre vós fortaleça a vossa fé, encorajando-vos a irradiar e a transmitir incessantemente a vida, a paz e o amor do nosso amado Senhor Jesus Cristo.

«Se alguém tem sede, venha a mim» (*Jo* 7, 37). Irmãos e irmãs, a nossa comunidade sedenta volta-se para Cristo, fonte de água viva; a água que sacia e faz florescer a vida, a água do amor de Deus «derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm* 5, 5).

O desejo de Deus habita no mais profundo do nosso coração, e nós clamamos com o salmista: «A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo!» (*Sl* 42, 3). É o clamor de um homem, humilde e apaixonado, cuja sede mais íntima e existencial não cessa de crescer. Ora, é Jesus Cristo que, através da sua encarnação, vai ao encontro de cada homem na sua história e se lhe revela como a verdadeira fonte de água viva, capaz de aplacar a sua sede. Não se trata tanto de uma sede material, mas antes de uma sede de sentido, de verdade e de realização que habita no coração de cada um. Jesus

responde a este profundo desejo de relação, de comunhão com Deus, no qual reside a plenitude da vida para sempre.

Na primeira leitura, o profeta Ezequiel vê a água sair do Templo e, espalhando-se pelo deserto, purificar e fecundar tudo (cf. *Ez* 47, 1-2.8-9.12). São João, mais tarde, verá a água brotar do lado traspassado de Jesus, que entrega o Espírito (cf. *Jo* 19, 30-34). Então, todos podem saciar-se nesta fonte para renascer e receber o dom do Espírito, tornando-se filhos de Deus, novas criaturas.

Irmãos e irmãs, é preciso reconhecer que nada, neste mundo, consegue satisfazer-nos em plenitude. Quando pensamos que conseguimos concluir, finalmente, o nosso trabalho e ver recompensados os nossos esforços, reaparece muitas vezes um vazio interior ainda mais profundo. Então, pode acontecer que, para o preencher, busquemos novos prazeres, queiramos possuir novas coisas e façamos de tudo para nos “divertirmos”, simplesmente para não sentir aquele mal-estar interior!

A Liturgia da Palavra de hoje convida-nos a examinar o nosso coração: qual é a nossa sede mais profunda? O que procuramos realmente na vida? Todos aspiramos à felicidade, ao amor, à realização. Mas em que fonte procuramos saciar a nossa sede? Contentamo-nos com os bens materiais, com satisfações imediatas, com tantos pequenos ídolos que prometem mundos e fundos, deixando o nosso coração vazio? Com o Batismo, recebemos a água viva de que fala o Evangelho, mas será que na verdade encontrámos pessoalmente Cristo? Na sua essência, o ser humano é um ser que “deseja” e só Deus pode preencher este vazio interior.

Sim, irmãos e irmãs, Jesus Cristo, o Bom Pastor, guia-nos, tal como o pastor conduz as suas ovelhas à fonte da felicidade e da paz. Conhece pelo nome cada um e cada uma. Nada Lhe escapa dos nossos segredos, intenções

e fraquezas. Ele sonda as profundezas do nosso coração, entregou a sua vida por nós e continua a doá-la através dos Sacramentos. Carrega aos ombros as ovelhas cansadas ou feridas e, com delicadeza, traz de volta as que se perderam. Jesus revela o amor incondicional de Deus por nós. Para Ele, nenhum de nós é um simples número no bilhete de identidade ou um código de identificação, mas uma pessoa, única e insubstituível.

Ao ver-vos aqui reunidos, queridos irmãos e irmãs, herdeiros de uma longa e bela história sacra em França, digo-vos: saciai-vos, também vós, desta fonte que é o Coração traspassado de Jesus. Sim, tendes sede de Deus, de vida, de verdade, de unidade, de paz, de comunhão, de felicidade. Aspirai a redescobrir um horizonte cheio de luz, a construir uma nação renovada a partir das suas raízes regadas pela fé. Não guardeis a fé em Jesus Cristo só para vós mesmos, mas deixai-a transbordar para saciar e preencher as pessoas que encontrardes. A vós cabe levar a esperança onde reinam o desânimo e a aridez espiritual.

Com efeito, só aceitando viver na verdade, sob o olhar de Jesus, é possível ser autênticos e olhar para as nossas vidas com lucidez: certamente frágeis, vulneráveis e destinadas a passar pela morte, mas também maravilhosas, milagrosas, capazes de se renovarem nas relações e de se abrirem ao verdadeiro amor.

«Quem crê em mim que sacie a sua sede! Como diz a Escritura, hão de correr do seu coração rios de água viva» (*Jo* 7, 37-38). Quando nos saciamos na fonte que é o coração de Cristo – escreveu Orígenes – tornamo-nos nós próprios poços, nascentes e rios para os outros (cf. *Homilia* 12, 1, 2-3). Na verdade, o fiel que dela bebe torna-se, por sua vez, fonte de vida graças à sua ligação existencial com Cristo e transmite esta mesma vida ao próximo.

Queridos irmãos e irmãs, a água viva do Espírito Santo foi derramada em abundância e continua a dar frutos na Igreja através de missionários e testemunhas em todas as culturas e povos. Fecunda tudo o que se deixa tocar e transformar por ela para dar o seu fruto, ou seja, a santidade daqueles que adoram o verdadeiro Deus e servem os irmãos e as irmãs com generosa caridade. Ao longo dos séculos, neste esplêndido país que é a França, muitos se saciaram desta água viva e consagraram totalmente a sua vida ao bem: os primeiros mártires, como Blandina, Potino e Irineu; santos e santas que fundaram ordens religiosas; santos bispos, como Martinho de Tours e Francisco de Sales; homens e mulheres com um coração sensível às necessidades do próximo, como Vicente de Paulo, Federico Ozanam, Joana Jugan e tantos outros. Ainda hoje, na nossa sociedade, nas nossas paróquias e nas nossas diversas atividades, são inúmeros aqueles que continuam a empenhar-se em prol da vida, da família, da verdade, da paz, da fraternidade e da justiça.

A partir desta bela cidade de Paris, rezo com fervor para que a água viva do Espírito Santo se espalhe em toda a França. Penso em vós, queridas famílias, que, apesar das múltiplas dificuldades que enfrentais diariamente, perseverais corajosamente na vossa missão. Agradeço-vos do fundo do coração por todo o bem que se realiza através de vós. Que nunca se esgote em vós a presença concreta de Jesus! Penso em vós, queridos jovens: sois a Igreja de hoje! Como é lindo ver o vosso entusiasmo, o vosso dinamismo, o vosso empenho e a vossa alegria dentro das comunidades cristãs. Penso também em vós, queridos catecúmenos e neófitos, que empreendeis o caminho da fé, da conversão e da iniciação cristã. Que o dom do Espírito Santo vos faça testemunhas, prontas a difundir à vossa volta a civilização do amor.

Irmãos e irmãs, recorramos à Mãe de Deus, Fonte de salvação, aquela que guia as nossas vidas para o seu Filho, autor de toda a graça. Com o seu “sim” livre e confiante, tornou-se a arca, humilde e desejada por Deus, na qual o amor do Pai encarnou para se doar ao mundo. Invoquemo-la com confiança, para que, pela sua intercessão, jorrem fontes de água viva no seio do Povo de Deus, fazendo florescer em toda a França os rebentos da fé, da esperança e da caridade. Ámen!

[Voltar ao índice](#)

ORAÇÃO EM LURDES

Gruta das Aparições de Massabielle (Lourdes)

Sábado, 26 de setembro de 2026

Senhora de Lourdes, Imaculada Conceição, recorremos a Vós com confiança neste lugar abençoado onde, com tanta doçura e ternura, falastes a Santa Bernadette, humilde filha do povo da França, para transmitir ao mundo uma luminosa mensagem de oração, conversão e esperança; porque Vós sois a Mãe que Jesus nos deu e porque estais atenta às nossas necessidades.

Rogamos-vos, Senhora Nossa, pela França, de quem sois a Padroeira e a quem, ao longo de tantos séculos, envolvestes com a Vossa proteção. Alcançai para o vosso povo o dom da concórdia fraterna. Que ele construa uma sociedade harmoniosa, banindo toda a violência e todo o ódio, permitindo a cada um trabalhar, constituir a própria família e viver até ao fim com tranquilidade e serenidade. Que os mais desafortunados e os mais pobres sejam sempre apoiados. Alcançai para a França governantes sábios e generosos, dispostos ao sacrifício de si mesmos, capazes de enfrentar os desafios e desejosos de servir o bem comum. Que eles a mantenham em paz no concerto das nações. Que façam ouvir a sua voz para promover a defesa dos direitos humanos fundamentais, bem como a paz no mundo, rejeitando para sempre as lógicas da guerra.

Santa Virgem Maria, apresentamos-vos o Povo de Deus que caminha neste país que tanto marcastes com a vossa proximidade. Renovai a fé e o fervor das famílias cristãs, tão queridas ao vosso coração, para que vivam

dia após dia a partir da presença de Jesus, da sua graça e do seu amparo nas dificuldades que atravessam. Que estejam generosamente abertas à vida, e que Deus suscite nelas vocações, nomeadamente sacerdotais e religiosas. Concedei à vossa Igreja em França a capacidade de indicar, especialmente aos mais jovens, o caminho luminoso do Evangelho para edificarem a sociedade justa e fraterna a que aspiram.

Por fim, Mãe amorosíssima, apresentamos-vos as nossas intenções pessoais mais urgentes, em particular as das pessoas doentes e sofredoras, com os acompanhantes, que em conjunto vieram buscar força e cura junto à fonte de Massabielle. Confiamos-vos os nossos entes queridos e os nossos falecidos. Afastai, nós vos suplicamos, todos os obstáculos que ainda nos separam do vosso amado Filho, e fazei que Ele reine em todos os corações.

Ámen.

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO COM OS BISPOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE FRANÇA

Hemiciclo «Sainte-Bernadette» do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes

Domingo, 27 de setembro de 2026

Eminência,

Excelências,

É com grande alegria que me encontro convosco neste lugar abençoado pelo Céu, tão próximo da gruta em que a Virgem Maria apareceu a Santa Bernadette e onde vos reunis, regularmente, para as vossas Assembleias plenárias. Com esta escolha, manifestais claramente a vossa vontade de colocar a Igreja da França sob a proteção da Mãe de Deus, a Virgem Imaculada, para que ela a guie com maior segurança segundo a vontade do Senhor. Na verdade, não há melhor caminho para chegar a Jesus do que através de Maria. Tudo nela nos conduz ao seu Filho

Deste modo, perpetuais a herança que recebestes dos vossos pais na fé, desde os tempos mais remotos da evangelização do vosso país. O culto da Mãe de Deus enraizou-se tão profundamente nele que, muito cedo, a França passou a ser definida como o «Reino de Maria» (Pio XI, Carta ap. *Galliam, Ecclesiae filiam primogenitam*, 2 de março de 1922). Este vínculo privilegiado entre a vossa nação e a Santíssima Virgem manifestou-se de forma singular quando a França Lhe foi solenemente consagrada, a 10 de fevereiro de 1638, como pude comprovar anteontem, numa bela representação, na Catedral de *Notre-Dame de Paris*. Referindo-se a este

voto, o meu predecessor, Pio XI, declarou Nossa Senhora da Assunção Padroeira da França (cf. *ibid.*)

Este longo caminho de confiança e ternura com Maria, marcado por tantas devoções e tantos lugares com o seu nome, por tantas súplicas atendidas – muitas vezes entre lágrimas –, por santuários e peregrinações, por catedrais, continua apesar de todos os obstáculos e testemunha a fé viva do povo de Deus que vos foi confiado. Queridos irmãos, perante os imensos desafios do nosso tempo, exorto-vos à coragem, à audácia e à criatividade missionária. Não vos deixeis desanimar pelos erros, pelas incoerências, nem sequer pelas quedas que marcaram a história deste Povo a caminho. Tende sempre a coragem de reconhecer os erros com o amor à Verdade, e a determinação de tratar das feridas com a caridade do Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas e chama cada uma pelo nome. Levantai-vos, pois, com esperança e nunca vos canseis de anunciar o Evangelho!

A história da Igreja na França é rica, imensamente rica. É bela e fecunda; e é importante recorrer a ela para construir o futuro das vossas comunidades, bem como o do vosso país. A Igreja assistiu, e até contribuiu, para a lenta construção da vossa nação; ainda hoje é parte integrante da sua cultura, da sua identidade e da sua vocação no mundo. Por isso, a sua voz tem todo o direito de estar presente no debate público da França; ela, por natureza, possui uma autoridade profética. Mesmo que não seja sempre compreendida, é, ainda assim, esperada. Mesmo que não seja sempre seguida, especialmente em questões essenciais que tocam os fundamentos da civilização, não deixa de ser necessária. Não tenhais dúvidas disso! Conheço a vossa determinação e coragem – manifestadas claramente durante os recentes debates sobre o final de vida – e exorto-vos à perseverança, em conjunto com todas as pessoas de boa vontade que defendem os mesmos valores.

Fruto de uma história turbulenta, hoje pacificada, viveis atualmente num contexto de laicidade muito particular, que deve permitir à Igreja cumprir a sua missão. O pôr em causa o equilíbrio alcançado com tanto esforço, como está a acontecer noutros locais do mundo ocidental, não deve levar-vos à resignação. Convido-vos à vigilância, para defenderdes a liberdade e o direito da Igreja a evangelizar, a educar à verdadeira liberdade e a praticar publicamente o culto, a fim de que, de forma visível, a caridade possa ser exercida em nome de Jesus Cristo.

Por ocasião da reabertura da Catedral de *Notre-Dame de Paris*, o Papa Francisco escreveu: «Convido todos os batizados que entrarem com alegria nesta Catedral a sentir um orgulho legítimo e a reapropriar-se da sua herança de fé. [...] Esta morada, que o nosso Pai do Céu habita, é vossa: vós sois as suas pedras vivas. Aqueles que vos precederam na fé edificaram-na para vós» (*Mensagem por ocasião da reabertura da Catedral de Notre-Dame de Paris*, 21 de novembro de 2024). Encorajar os batizados a «reapropriar-se da sua herança de fé» faz hoje parte da vossa missão de Pastores, tendo em vista a renovação da Igreja na França.

O que o Senhor vos concedeu, católicos da França, *Filha primogénita da Igreja*, é verdadeiramente motivo de grande ação de graças: o cortejo ininterrupto de santidade que chega aos nossos dias; o florescimento das artes, das letras e das ciências sob o impulso da fé e a ação do Espírito Santo; o amadurecimento irreversível da consciência do valor inalienável da pessoa humana, da sua dignidade e da necessidade de proteger os seus direitos e liberdades; sem esquecer o formidável ímpeto missionário que deu frutos até aos confins do mundo. Sim, Jesus deu-vos muito... e quer, no seu amor, continuar a conceder-vos dons...

É por isso que, olhando para o futuro, o Papa Francisco acrescentava no discurso já citado: «O renascimento desta admirável igreja constitui um sinal profético da renovação da Igreja em França» (*ibid.*). Também eu acredito que chegou o momento em que muitos dos nossos contemporâneos aguardam ouvir ressoar a mensagem cheia de esperança do Evangelho e ver resplandecer diante dos seus olhos a luz de Cristo ressuscitado. A mensagem de paz que tem a sua fonte em Jesus é tanto mais esperada quanto se constata, na França e noutros países do Ocidente, uma polarização inquietante, um declínio da fraternidade, da cordialidade e da qualidade da vida social, bem como um recrudescimento da violência, das desigualdades e da pobreza. Perante tais desafios, a desilusão e a desorientação sucedem às falsas promessas de um mundo onde, relegado à esfera privada, Deus estaria ausente e o auxílio da sua graça seria considerado inútil na “construção da Cidade”. No entanto, Jesus advertiu claramente os seus discípulos: «Sem mim, nada podeis fazer» (*Jo 15, 5*).

Os jovens, em particular, nutrem grandes aspirações. Preocupados com o mundo que lhes será deixado em herança, ansiosos pelo futuro, estão prontos a empenhar-se com coragem e generosidade por tudo o que é belo, verdadeiro e bom. Mostrai-lhes o caminho do Evangelho: a única direção segura – embora exigente –, que já deu tantos frutos nesta terra da França. Evocámos ontem, em Paris, o sinal encorajador do Catecumenato, que envolve sobretudo jovens adultos: uma graça e uma alegria para todo o povo de Deus. É importante que vos preocupeis em acompanhar esta graça, especialmente através do acolhimento dos jovens em comunidades dinâmicas, que praticam a caridade e vivem a solidariedade; e através dum ensino doutrinal sólido, enraizado na Palavra de Deus, que lhes permita enfrentar objeções e dúvidas.

Para concretizar esta renovação da esperança, no âmbito de um novo impulso missionário na França, que desejo vivamente, existe um único programa, que é sempre o mesmo: dar a conhecer e fazer amar Jesus Cristo, de forma autêntica, com paixão, uma e outra vez... No contexto atual, enfrentais alguns grandes desafios. O da educação reveste-se de primordial importância. É muito louvável que as vossas Assembleias aprofundem este tema. A educação é uma missão particularmente ampla, que abrange múltiplos setores da vida. Gostaria simplesmente de referir o do ensino católico, cujo “carácter próprio” é, nestes tempos, posto em causa. É positivo que as instituições de ensino católicas estejam largamente abertas àqueles que não partilham a nossa fé. Este acolhimento generoso, e respeitador da liberdade de consciência de cada um, promete grande fecundidade para todos, para a sociedade e para a própria Igreja. No entanto, o ensino católico não pode, de forma alguma, renunciar ao seu próprio projeto educativo, um projeto centrado em Cristo que visa o desenvolvimento integral da pessoa humana em todas as suas dimensões: espiritual, cultural, intelectual, moral e social. No seio de cada instituição católica, ninguém deve surpreender-se com a possibilidade de encontrar Jesus Cristo e de ouvir a sua Palavra. Muito menos um aluno deve sentir-se marginalizado na sua própria turma, simplesmente por acreditar em Jesus.

Nos últimos anos, enfrentastes com determinação o doloroso flagelo dos abusos contra menores cometidos por membros do clero ou no contexto eclesial. Adotastes medidas corajosas para os combater, através da escuta, da busca da verdade, da justiça, do perdão, da reparação e de um compromisso firme em prol de uma cultura de prevenção e proteção contra estes crimes. Agradeço-vos pelo que fizestes, consciente de que alguns momentos foram muito difíceis para a vossa Conferência. É necessário prosseguir no caminho iniciado e manter a máxima vigilância. Ao mesmo

tempo, o vosso clero precisa de ser apoiado e encorajado: sei que isso é objeto da vossa solicitude paternal. Para que surjam vocações sacerdotais, o sacerdote precisa de ser desejado, acolhido e amado, e a sua identidade configurada a Cristo deve ser clara e bem compreendida no seio do Povo de Deus, para a alegria do Evangelho e o serviço da sua missão.

Parece-me importante referir ainda o triste declínio das vocações para a vida consagrada, em particular para a vida contemplativa. Com dor, tomei conhecimento do encerramento, recente ou iminente, de antigas e prestigiadas comunidades monásticas, que tiveram grande influência na história. Dedicar a própria vida ao seguimento de Jesus num caminho tão exigente pressupõe, além da ação da graça, particular generosidade, sólido enraizamento na fé, intensa vida interior e proximidade privilegiada com Ele. Tais condições encontram-se frequentemente nas famílias cristãs, que merecem a máxima atenção e o máximo apoio. O aprofundamento e o enraizamento da vida de fé no seio das famílias são, sem dúvida, uma chave que permitirá resolver muitas crises que a Igreja e as nossas sociedades estão a atravessar. Com efeito, é no seio das famílias que se aprende a vida em comum, o respeito pelo outro, a aceitação da diversidade, o apoio mútuo, a generosidade, a gratuidade na doação de si mesmo e o espírito de sacrifício. Talvez seja este o principal desafio a enfrentar: que Jesus viva plenamente nas famílias católicas da França e as ilumine com a sua presença!

A estas questões acrescenta-se outro desafio que pode suscitar alguma preocupação quanto ao futuro: o da unidade. A tal respeito, deixai-me recordar como é essencial que os discípulos de Jesus estejam unidos na caridade, tal como Ele pediu ao seu Pai: «que todos sejam um só [...] e o mundo creia que Tu me enviaste» (*Jo 17, 21*). A Igreja na França é um pequeno rebanho que deve unir as suas forças para a missão. As divisões

ideológicas tornariam o seu testemunho vão. Sempre houve tensões na história da Igreja, e é precisamente quando estas se manifestam que podemos apreciar ainda mais o dom da unidade. Ela não é mera uniformidade, mas faz com que cada sensibilidade autenticamente católica possa convergir naturalmente na comum profissão de fé, por meio da obediência aos pastores legítimos e, em particular, ao Sucessor de Pedro, «princípio e fundamento perpétuo e visível da unidade de fé e comunhão» (Conc. Ecum. Vat. II, Cons. dogm. *Lumen gentium*, 18). Trata-se de uma unidade dinâmica que se alimenta da Tradição da Igreja – desde os Padres até ao Concílio Vaticano II – e do Magistério pós-conciliar. Além disso, partindo da fé, enriquece-se no diálogo recíproco, segundo um estilo sinodal que procuramos aprofundar nos últimos tempos.

Queridos irmãos, a Igreja na França está no coração do Papa. Como gostaria de vos transmitir os sentimentos de entusiasmo e esperança que me animam quando penso em vós!

Estou certo que o Povo de Deus na França – rico em comunidades vivas, fraternas e abertas ao mundo; rico com uma juventude fervorosa e empenhada em múltiplas iniciativas; rico também com uma herança que o sustenta e, ao mesmo tempo, o compromete – continuará com ardor a sua missão de anunciar e fazer amar Jesus Cristo, *para que o mundo tenha vida*.

Confiando à proteção maternal de Nossa Senhora de Lourdes a vossa Assembleia, as vossas comunidades diocesanas e o vosso país, concedo-vos com alegria a Bênção Apostólica. Obrigado!

[Voltar ao índice](#)

SANTA MISSA

HOMILIA DO SANTO PADRE

Prairie do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes

Domingo, 27 de setembro de 2026

Irmãos e irmãs, peregrinos vindos da França e de todo o mundo, ao olhar para vós esta manhã, reunidos na casa da nossa Mãe, vejo o rosto universal da Igreja. Alguns de vós atravessastes continentes, superastes fadigas, trouxestes as vossas alegrias e os vossos fardos até esta Gruta sagrada. Que felicidade estarmos juntos, um só coração, uma única família!

Gostaria de saudar de forma especial os peregrinos vindos de todas as províncias e dioceses da França. Hoje pisais o solo desta terra abençoada que recebeu tantas graças. Que esta peregrinação reavive a chama da fé nos vossos lares e nas vossas paróquias. Levai o consolo de Lourdes aos vossos vizinhos, aos vossos entes queridos e a todo o povo francês.

Os textos que a Liturgia nos propõe neste domingo abordam um aspecto central da mensagem que a Virgem Maria veio confiar a Santa Bernadette: um convite à conversão, ao mesmo tempo terno e urgente. No Evangelho, Jesus lança um olhar de verdade e profunda tristeza sobre os corações fechados: «nem depois de verdes isto, vos arrependestes!» (Mt 21, 32). Porquê esta ferida no coração de Cristo? Porque Deus não quer a perdição dos seus filhos. O profeta Ezequiel recorda-nos isso: «Se o justo se afasta da sua justiça para praticar o mal e morre por causa disto, é por causa do mal que praticou que ele morrerá»; ao passo que, se se converte, «se ele se afasta dos pecados que cometeu, viverá certamente, não morrerá» (Ez 18,

26.28). É por isso que os apelos à penitência ressoam nas Sagradas Escrituras e percorrem toda a pregação do Evangelho ao longo dos séculos. Assumem uma gravidade salutar para manifestar a sua urgência e necessidade: é hoje – não amanhã – que é preciso converter-se; é hoje o momento favorável, o dia da salvação (cf. 2 *Cor* 6, 2). Sim, Deus deseja que o homem viva, que abra os olhos e volte para Ele. Converter-se é abandonar os caminhos do erro para seguir o Caminho da Vida, abrindo assim o nosso coração à única Alegria que não passa.

O próprio Jesus não mede palavras quando exorta à penitência, como nos relata, por exemplo, São Lucas: «se não vos converterdes, perecereis todos» (*Lc* 13, 5). Mas Ele alarga o horizonte da vida terrena ao da vida eterna. Enquanto a felicidade aqui na terra é uma realidade efémera, relativa e, por vezes, infelizmente inacessível para alguns, a verdadeira felicidade é prometida a todos, na esperança, e deve ser o principal objeto da nossa busca, dos nossos esforços e das nossas escolhas. Não foi a Virgem Maria que disse a Santa Bernadette: «Não te prometo que serás feliz neste mundo, mas no outro»?

Esta promessa, proclamada precisamente aqui, ressoa com uma força particular nesta terra de França e abala as nossas mentalidades contemporâneas. Neste momento da história, no seio de uma sociedade em busca de progresso e bem-estar material, mas por vezes tentada a esquecer o horizonte da eternidade, Maria vem lembrar-nos a grandeza e a amplitude da nossa vocação para a vida, para a vida eterna. Perante as correntes atuais que procuram redefinir o valor da vida humana face à doença, ao sofrimento ou à velhice, a Gruta de Massabielle ergue-se como um santuário da esperança cristã. Aqui, nenhuma fragilidade é rejeitada. As vossas muletas, as vossas cadeiras de rodas, as vossas lágrimas escondidas não são obstáculos: são o lugar por excelência onde sois plenamente

respeitados, acolhidos e transcendidos pelo amor infinito de Deus. Lourdes é o lugar abençoado de uma profissão de fé na beleza e na sacralidade da vida, pois aqui ela é acolhida como um dom precioso de Deus, chamada a desabrochar para a eternidade no amor do Pai.

“Prometo-te”! Sim, a vida eterna é uma promessa sólida e certa que o Senhor nos faz. Ele já a obteve para nós através da sua morte na cruz e da sua ressurreição, e já a realiza todos os dias em nós pela graça do batismo. Está ao nosso alcance, mas cabe-nos acolhê-la livremente, aproveitá-la, não lhe colocar obstáculos; ora, o obstáculo à graça e à vida eterna, o único obstáculo a esse amor, é o pecado, o fechamento em si mesmo, essa recusa de Deus que nos aprisiona nas nossas próprias trevas! Está, portanto, em jogo a nossa responsabilidade pessoal, e ela é grande. Deus quis-nos livres, pois a liberdade é uma condição do amor; não se pode amar por obrigação. Esta liberdade que nos é concedida, devemos empenhá-la num “sim” a Cristo e, com a ajuda da Sua graça, no seguimento dos passos de Maria; um “sim” incessantemente renovado até ao nosso último suspiro: “agora e na hora da nossa morte”, como dizemos na *Ave-Maria*.

Encontramos o apelo insistente à conversão nas palavras que Maria proferiu aqui mesmo: “Penitência! Penitência! Penitência!”. Ela repete a palavra três vezes! E convida Bernadette a realizar alguns gestos. Por que razão? Será porque somos lentos a compreender? Será porque, com demasiada facilidade, nos consideramos isentos de pecado? Será porque não praticamos suficientemente a penitência? A Virgem pede-nos que a façamos, não só por nós próprios, que precisamos dela, mas também “pelos pecadores”, por um mundo que vai mal. Como não se sentiriam interpelados os nossos corações perante os conflitos cada vez mais generalizados, que destroem tantas vidas inocentes? Ora, o mal que a nossa época conhece provém do coração do homem; Deus não é responsável por

ele: «É o meu modo de agir que não é justo? – diz Ele aos filhos de Israel –, Ou é o vosso que o não é?» (Ez 18, 25). São, portanto, os corações dos homens que precisam de ser mudados, a começar pelo nosso.

A penitência é uma obra suscitada pelo amor em solidariedade com a humanidade: amor a Deus, cuja ferida no Coração, causada pelos nossos pecados, queremos reparar; amor por todos os nossos irmãos, os homens que não ouvem este apelo à conversão e cujas faltas os conduzem à morte. Esta exigência de conversão envolve a própria Igreja na sua peregrinação terrena. Ela deve ter a coragem de viver essa conversão em primeiro lugar. Para curar as feridas profundas, as infidelidades e os dolorosos desvios cometidos no seu seio, devemos submeter-nos humildemente ao olhar purificador do Senhor. Reconhecer os nossos próprios erros é indispensável para o nosso progresso espiritual, como escreveu Santo Agostinho: «Que te desagrade sempre o que és, se queres alcançar o que ainda não és» (*Sermo* 169, 15.18).

O apelo da nossa Mãe ao nosso dever de oração e conversão enche-nos de grande esperança, pois ela indica-nos o meio de mudar o curso das coisas, meio esse que não é outro senão o de nos associarmos à paixão de Cristo. Queridos doentes que conheceis o sofrimento, tão numerosos em Lourdes, é-vos possível viver as vossas dores e aflições neste espírito de oferta, para entrar neste caminho redentor de que o mundo tanto necessita. Neste sentido, estais verdadeiramente no coração da Igreja, e o vosso papel é insubstituível.

Peregrinos, irmãos e irmãs, não partireis de Lourdes como chegastes: partireis como missionários da esperança. Eis o milagre deste lugar: suscitar a alegria da esperança mesmo no meio das provações e da dor. A Virgem Maria cura os nossos olhares e transfigura os nossos corações, dando-lhes a

paz. Sede testemunhas ativas desta força e desta ternura divinas, que nos permitem continuar o caminho e alcançar a meta, nos vossos países, dioceses e famílias. Apoiados pela oração dos doentes e pelo amor da nossa Mãe, caminhai com confiança rumo ao futuro. Não temais as tempestades do mundo: a Santa Mãe de Deus vigia sobre o vosso caminho, envolve a Igreja no seu manto de ternura e, como Estrela radiosa da manhã, guia os vossos passos para vos gerar, com alegria, na própria vida do seu Filho Jesus.

Ámen.

[Voltar ao índice](#)

ANGELUS

Prairie do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes

Domingo, 27 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Saúdo com carinho todos vós que participastes nesta celebração eucarística. Obrigado pela vossa presença! Estendo também a minha saudação a quem se juntou a nós através dos meios de comunicação social, em especial os enfermos.

Neste momento, rezaremos juntos o *Angelus*, esta oração simples e maravilhosa que nos ajuda a viver cada dia em conformidade com a vontade de Deus, a exemplo da Virgem Maria.

Antes disso, uma vez que me encontro neste local, gostaria de fazer um apelo que sinto ser especialmente importante. Foi aqui que a Imaculada Conceição apareceu a Santa Bernadette com o terço e, por assim dizer, guiou a sua oração. Por isso, hoje convido todos os fiéis e todas as comunidades cristãs a rezar o santo Rosário durante o próximo mês de outubro, com a intenção especial de que cessem as guerras e que a paz se estabeleça entre os povos em conflito. Acompanhemos esta oração com ações concretas de penitência e misericórdia, com o compromisso de promover sempre o diálogo e a reconciliação.

Que nossa Santíssima Mãe interceda por nós!

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO COM OS OPERADORES E OS ASSISTIDOS DO ACCUEIL NOTRE-DAME

Santuário de Nossa Senhora de Lourdes

Domingo, 27 de setembro de 2026

Saudações do Santo Padre

Queridos irmãos e irmãs,

Queridos amigos doentes,

É uma grande alegria para mim partilhar este momento convosco, aqui em Lourdes, onde, há mais de cento e cinquenta anos, peregrinos de todo o mundo vêm confiar, por intermédio de Maria, a Jesus os seus sofrimentos, sejam eles físicos, psicológicos ou espirituais. Aqui, a fragilidade não é escondida, mas torna-se lugar de encontro sagrado.

Este ano, o tema pastoral do Santuário retoma a saudação do anjo Gabriel a Maria: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo» (Lc 1, 28). Realça o maravilhoso intercâmbio entre dois olhares: o do mensageiro do Senhor e o de Maria. Neste face a face, a humildade e a generosidade de uma jovem permitem que Deus realize a sua obra de salvação. Maria não guardou o Senhor só para si, mas ofereceu-O ao mundo, dizendo-nos: «O Senhor está contigo». Esta verdade é o fundamento da nossa dignidade enquanto pessoas. E aqui Maria olha para cada um de nós como uma pessoa única, tal como testemunha Santa Bernadette durante as aparições na gruta. Este olhar maternal reafirma-nos que ninguém é invisível aos olhos de Deus.

Numa época em que algumas sociedades tendem a desviar o olhar ou a fechar os olhos perante a dignidade da vida humana, «urge, antes de mais, cultivar, em nós e nos outros, um olhar contemplativo. [...] É o olhar de quem observa a vida em toda a sua profundidade, reconhecendo nela as dimensões de generosidade, beleza, apelo à liberdade e à responsabilidade. É o olhar de quem não pretende apoderar-se da realidade, mas a acolhe como um dom, descobrindo em todas as coisas o reflexo do Criador e em cada pessoa a sua imagem viva (cf. *Gn* 1, 27; *Sl* 8, 6). Este olhar [...] disponível para ler de novo no rosto de cada pessoa um apelo ao entendimento, ao diálogo, à solidariedade» (S. João Paulo II, Carta enc. *Evangelium vitae*, 83), *para que o mundo tenha vida*.

No diálogo da Anunciação, enquanto o Senhor dirige para Ela o Seu olhar, Maria descobre que é a escolhida de Deus. No centro deste encontro, cada um de nós descobre ser pessoalmente chamado e profundamente destinado ao amor de Deus, que é fonte de vida. Com efeito, a pessoa humana é “digna” simplesmente porque existe e tem como fim a eternidade. A sua dignidade não se mede nem se discute.

Sei que, para alguns de vós, devido a determinadas doenças e a dores por vezes terríveis, o horizonte pode parecer sombrio, incerto, sem saída. Mas nenhuma lei humana deve levar-vos a perder a certeza da vossa dignidade. Pelo contrário, é precisamente em nome desta dignidade inalienável da pessoa humana que a tentação de tirar a vida sob o pretexto de uma falsa compaixão deve ser firmemente rejeitada. Não é possível aceitar como algo normal tirar a vida. O que é legal não é necessariamente moral.

Aqui em Lourdes, cidade dos doentes e da esperança, convido toda a comunidade dos profissionais de saúde a recordar o significado profundo da

sua vocação: cuidar de uma pessoa que sofre, não eliminá-la. Queridos amigos, sede servidores apaixonados da vida! Ninguém, em momento algum, tem o direito, «baseando-se em algoritmos de laboratório, de decidir sobre a vida de um determinado embrião ou de uma determinada pessoa idosa! A medicina nunca poderá tornar-se serva da morte programada!» (*Discurso aos membros da Fundação Jérôme Lejeune*, 22 de junho de 2026). Neste sentido, por um lado, convido-vos a desenvolver incansavelmente as estruturas de cuidados paliativos e de investigação; por outro, a acompanhar com ternura os doentes, como acontece aqui em *Lourdes*, onde médicos, enfermeiros, socorristas, capelães, equipas da Pastoral da saúde e muitos outros continuam a exercer a sua vocação ao serviço da dignidade da pessoa humana, *para que o mundo tenha vida*. Ao cuidardes dos corpos, cuidais também das almas. Para vós, queridos membros das associações hospitalares, e também para vós, profissionais de saúde, que vos dedicais ao serviço dos vossos irmãos e irmãs, vai toda a minha gratidão.

Queridos irmãos e irmãs doentes, gostaria de vos dizer: não sois um fardo, sois o coração pulsante da nossa humanidade e um tesouro precioso para a Igreja. Acompanho com a minha oração as provações que enfrentais. O meu pensamento vai para todos aqueles que não podem estar aqui e que, das suas casas ou dos seus quartos de hospital, estão unidos a este nosso encontro. Confio-vos a todos ao amor maternal da Mãe do Senhor, pedindo-lhe que vos dê a consolação do seu Filho Jesus. Deus vos abençoe e proteja!

Palavras do Santo Padre às associações e a algumas pessoas em situação de vulnerabilidade

Estou feliz pela oportunidade de vos conhecer, queridos amigos e associações, que trabalhais no acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade ou fragilidade. Saúdo-vos calorosamente. Este *Livro da Vida* que me ofereceis é um bonito presente! A vida é bela e preciosa, não desanimeis: Nossa Senhora de Lourdes segura-vos pela mão.

Queridos amigos, agradeço-vos por participardes na vida deste santuário, cuja única característica é acolher todos os anos milhares de pessoas que sofrem, em busca de cura. Muitas delas partem com o coração em paz, transfiguradas pela graça, prontas a continuar o caminho. Vós sois os instrumentos que Deus utiliza para operar esta renovação da esperança. Para elas, o primeiro milagre de Lourdes não será ter-vos encontrado e experimentar a vossa generosidade, dedicação e proximidade? No seu percurso espiritual, o testemunho de fé e amor que vós lhes dais é insubstituível. Agradeço-vos por isso.

Estou certo de que vós próprios partis de Lourdes transformados, depois de terdes cumprido o vosso serviço. Convido-vos a partilhar e propor esta experiência única com quem vos rodeia, em particular os jovens, para lhes fazer descobrir a alegria do dom de si e do serviço em nome de Jesus.

Mais uma vez, obrigado pela vossa calorosa recepção. Confio-vos à intercessão da Virgem Maria, a quem podemos rezar com confiança:

Ave Maria...

Concedo-vos a Bênção Apostólica...

[Voltar ao índice](#)

ORAÇÃO DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO E PROCISSÃO DAS VELAS

Santuário de Nossa Senhora de Lourdes

Domingo, 27 de setembro de 2026

Estamos aqui reunidos esta noite para responder ao pedido que Nossa Senhora dirigiu aos sacerdotes por intermédio de Santa Bernadette: “Que se venha aqui em procissão”. Como é comovente ver o povo fiel, de geração em geração, responder com amor e confiança ao terno convite da Virgem Maria. Como é reconfortante ouvir os cristãos entoarem hinos cheios de fervor e fé, e caminharem, com uma vela acesa na mão, em direção à sua Mãe do Céu, a Mãe que Jesus nos deu na Cruz.

Esta luz que nos guia e nos atrai é a da esperança que nunca nos abandona, mesmo enquanto peregrinamos nesta vida, muitas vezes marcada por provações, mas já habitada pela alegria de nos sabermos filhos de Deus, amados e salvos por Jesus. As pessoas doentes são testemunhas privilegiadas desta transfiguração da existência através da fé e do amor a Deus e ao próximo. É preciso vir aqui fazer esta procissão convosco, queridos doentes, para entender plenamente a sua realidade. Como dizia o Papa Pio XII: «Jamais num lugar da terra se viu semelhante cortejo de sofrimento, jamais semelhante irradiação de paz, de serenidade e de alegria!» (Carta Encíclica *Le pèlerinage de Lourdes*, 2 de julho de 1957, n.º 5).

E se tal milagre é possível – o de suscitar serenidade e alegria na provação –, é porque Deus nos concede a graça de voltar o nosso olhar para

um futuro mais distante, para além do nosso horizonte terreno, um futuro de felicidade infinita em Deus, que temos a certeza de alcançar se permanecermos firmes na fé e na caridade. Para isso, São Paulo encoraja-nos: «Os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há de revelar-se em nós» (*Rm 8, 18*). Guardai sempre na memória estas palavras de ouro, queridos doentes: *os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há de revelar-se em nós*.

Enquanto nos forem concedidos os dias da nossa vida neste mundo, somos, uma e outra vez, chamados a perseverar no nosso caminho, no qual Maria nos precede. E correremos com confiança em direção a Ela, cuja Imaculada Conceição resplandece como um farol na noite. «Ela é o sinal da vitória do amor, do bem e de Deus, que dá ao nosso mundo a esperança de que tem necessidade. Nesta tarde, voltemos o nosso olhar para Maria, tão gloriosa e tão humana, e deixemos que seja Ela a conduzir-nos para Deus, que é o vencedor» (Bento XVI, *Homilia na procissão das velas*, 13 de setembro de 2008).

“Eu sou a Imaculada Conceição!” Foi precisamente assim que Maria se designou aqui mesmo, com a maior humildade, mas grata a Deus pelo privilégio absolutamente único com que foi agraciada e que representa para nós a aurora da salvação. Jesus, pelos méritos da sua Paixão e da sua Ressurreição, quis preservar a sua Mãe de qualquer vestígio do pecado original; fez dela uma nova Eva – sobre quem o demónio nunca terá qualquer influência –, a partir da qual tudo recomeça, tudo volta a ser possível, tanto para o mundo como para cada um de nós.

É por isso que o seu amparo e a sua intercessão não são secundários para o cristão que deseja acolher a graça da Redenção, conquistada pelo sangue de Jesus, e lutar contra o mal. Ela é a estrela do mar – *Stella maris* –

que nos socorre nas tribulações, como tão bem expressou São Bernardo: «Tu que te vês, nas flutuações deste mundo, agitado no meio das procelas e das tempestades em vez de caminhar sobre terra firme, não afastes os olhos do brilho desta estrela, se não queres naufragar nas tormentas. [...] Se a segues, não te extraviarás; se a invocas, não desesperarás; se pensas nela, não errarás. Sob a sua proteção, não terás medo; sob a sua direção, não te cansarás; sob o seu amparo, alcançarás a meta». (São Bernardo, *Segunda homilia Super Missus est*, n.º 17).

Portanto, queridos irmãos e irmãs, peregrinos e doentes, que viestes da França e de todo o mundo para participar nesta fervorosa e serena procissão de luz, levemos as nossas intenções mais queridas e urgentes e apresentemo-las a Nossa Senhora: as nossas intenções pessoais e pelo mundo. Ao contemplá-la na sua Imaculada Conceição, uma alegria e uma esperança invencível brotam no nosso coração: pois, revestida do sol, com a lua debaixo dos pés e coroada de estrelas, ela é gloriosa, é poderosa; e, ao mesmo tempo, é humilde, muito próxima de nós, é a Mãe de Jesus, é a nossa Mãe.

Ó Virgem Imaculada, que nas nossas vidas nunca se apague esta luz que trazemos nas mãos esta noite, mas que ela ilumine o futuro, abrindo-nos, hoje mesmo, às promessas da vida eterna.

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO INTER-RELIGIOSO

Centro de Congressos «Robert Schuman», em Metz

Segunda-feira, 28 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

queridos amigos representantes das diferentes tradições religiosas,

É com profunda alegria, mas também com um vivo sentimento de responsabilidade espiritual, que me encontro hoje entre vós, em Metz, cidade de fronteiras e de passagens, no Centro de Congressos que tem o nome de Robert Schuman, um dos pais fundadores da União Europeia. Este homem de fé e convicções soube transformar as antigas linhas de divisão em pontes de esperança para toda a Europa, tornando-se um verdadeiro embaixador da unidade na diversidade. Seguindo o seu exemplo, a nossa responsabilidade comum de mulheres e homens religiosos é a de testemunhar que, para além das fronteiras, é sempre possível encontrar-nos, estabelecer amizades e construir a paz.

Dialogar não diminui a nossa identidade, mas expressa-a com simplicidade e verdade, abrindo-nos à diferença do outro. Como dizia o meu predecessor, o Papa Francisco: «O diálogo entre pessoas de diferentes religiões não se faz apenas por diplomacia, amabilidade ou tolerância. [...] o objetivo do diálogo é estabelecer amizade, paz e harmonia» (Carta enc. *Fratelli tutti*, 271). Antes dele, o Papa João Paulo II considerava o diálogo como uma exigência intrínseca da própria natureza do homem (cf. *Mensagem para o XXXIV Dia Mundial da Paz*, 10, 1 de janeiro de 2001). O

diálogo é, segundo Paul Ricœur, o caminho através do qual reconhecemos a alteridade como uma promessa e não como uma ameaça; situa-se no extremo oposto da agressividade e da violência e constitui uma arte do encontro.

Com efeito, invocar o nome de Deus para legitimar a violência ou a opressão configura uma profanação desse nome. Nada do que desfigura a dignidade humana pode reivindicar uma autêntica inspiração divina. O discurso religioso deve exortar constantemente ao desarmamento dos corações e das palavras. Isto implica a responsabilidade direta de cada um de nós, enquanto guardiães das nossas respectivas tradições.

Por outro lado, se a fecundidade das tradições religiosas se manifesta, acima de tudo, no seu serviço à paz e à fraternidade, ela expressa-se igualmente na sua capacidade de proteger, acompanhar e servir a vida. A grandeza de uma civilização não se mede pelos seus sucessos materiais, mas pela forma como acolhe, protege e eleva a pessoa humana. As religiões são guardiãs da vida; elas afirmam o seu valor sagrado. A sua fecundidade é demonstrada pela presença amorosa junto das pessoas mais frágeis e vulneráveis. Servir a vida é rodeá-la de cuidados, presença e ternura, sobretudo nas provações, até ao fim. Nós, que estamos abertos à transcendência, temos como missão oferecer pontos de referência sólidos, em particular aos jovens, para construir uma comunhão que respeite e valorize a dignidade de toda a pessoa humana.

Queridos amigos, «a Igreja considera todos os que procuram sinceramente a verdade, a bondade e a beleza como companheiros de caminho» (Carta enc. *Magnifica Humanitas*, 23). Agradeço mais uma vez a vossa proximidade e presença. Que a bondade infinita de Deus e a sua sabedoria nos acompanhem e ensinem a viver cada vez mais como seus

filhos e como irmãos e irmãs entre nós. E que assim possamos ser, onde quer que vivamos, artesãos de paz e testemunhas de uma esperança que não cessa de crescer no nosso mundo.

Deus vos abençoe!

[Voltar ao índice](#)

ENCONTRO «NAS RAÍZES DA EUROPA PELA PAZ E PELA UNIDADE»

Centro de Congressos «Robert Schuman», em Metz

Segunda-feira, 28 de setembro de 2026

Senhor Presidente,

Senhor Cardeal,

Distintas autoridades civis e religiosas,

Senhoras e Senhores,

Estou muito contente por me encontrar aqui, nesta cidade histórica, ponto de encontro no coração do continente, para um encontro com um título evocativo: *Nas raízes da Europa pela paz e unidade*. Agradeço pelas amáveis palavras que acabastes de me dirigir.

O título proposto inspira-se, sem dúvida alguma, na figura do Venerável Robert Schuman, a quem desejamos hoje prestar uma homenagem especial, neste centro que tem o seu nome; e, sobretudo, aqui no Mosela, onde ele viveu durante muito tempo e agora repousa, tendo sido, durante muitos anos, o seu representante na Assembleia Nacional. Foi desta região, com as suas vicissitudes nos séculos XIX e XX, que ele retirou a inspiração para ajudar a moldar a Europa de hoje e de amanhã através da sua célebre *Declaração* de 9 de maio de 1950. Este texto constitui, simultaneamente, o ponto de partida e de chegada do seu empenho na reconciliação e unidade do continente europeu que marcou toda a sua vida.

Hoje, com o pensamento, queremos realizar uma viagem que começa nas raízes da Europa para chegar ao seu presente e olhar para o futuro. Perguntamo-nos de que forma Robert Schuman foi moldado pela história desta terra, da qual era filho, e como contribuiu fundamentalmente para moldar a Europa moderna, a ponto de ser considerado como um “Pai fundador”.

É sempre muito difícil, tanto no presente como no passado, formular uma definição da Europa. A Europa foi tomando consciência de si própria gradualmente, ao longo dos períodos históricos da civilização helenística, do Império Romano e da difusão do cristianismo, integrando, com o passar do tempo, novas culturas – tais como as germânicas e eslavas, entre outras – até abranger regiões cada vez mais vastas.

Portanto, antes mesmo de ser uma realidade geográfica, a Europa entende-se como uma realidade cultural e histórica. Ao longo dos séculos, ela foi adquirindo novos contornos e definições, passando por períodos de crescimento, crises profundas e novos renascimentos. Uma constante que se pode notar no seu longo e conturbado percurso histórico é que a Europa floresceu e progrediu quando soube tirar partido dos aspectos positivos do seu passado e reapresentá-los sob formas novas e criativas, graças ao encontro com o outro. A civilização europeia é, com efeito, também fruto de encontros realizados ao longo dos séculos, mesmo que estes nem sempre tenham sido fáceis. Basta pensar na presença da cultura árabe na Península Ibérica ou na projeção do “Velho Continente” no “Novo Mundo”, que gerou, por vezes de forma dolorosa, novas sínteses no continente americano.

Contudo, para compreender esta longa história, não se pode deixar de mencionar outro Pai da Europa: São Bento, que São Paulo VI proclamou

seu Padroeiro em 1964, definindo-o como «mensageiro da paz, construtor da união, mestre da civilização». [1] A ajuda aos pobres, aos doentes e aos idosos; a educação das crianças e as universidades; os hospitais e a medicina; a arquitetura e a engenharia; o desenvolvimento das ciências; o direito e a organização das cidades e dos próprios Estados: tantas áreas, na Europa, foram profundamente influenciadas por São Bento e pelos seus monges! Sem estes fundamentos monásticos, a civilização europeia tal como a conhecemos não existiria. Aqui em Metz, graças à obra de São Crodegango e de outros, respira-se um espírito beneditino de fraternidade, comunhão e partilha. Foi a partir daqui que o canto gregoriano se espalhou pelos territórios carolíngios, levando harmonia e beleza a todo o continente.

Desse modo, não é possível falar da Europa sem fazer referência ao cristianismo. O próprio Robert Schuman estava ciente disso quando afirmou: «O cristianismo ensinou a igualdade de natureza entre todos os homens, filhos do mesmo Deus, redimidos pelo mesmo Cristo, sem distinção de raça, cor, classe ou profissão. Fez reconhecer a dignidade do trabalho e a obrigação que todos têm de lhe estar sujeitos. Reconheceu o primado dos valores interiores que, por si sós, enobrecem o homem. A lei universal do amor e da caridade fez de cada homem o nosso próximo, e é nela que, desde então, assentam as relações sociais no mundo cristão». [2]

Outro Pai fundador da Europa contemporânea, Alcide De Gasperi, faz-lhe eco, colocando a ênfase na «herança europeia comum», [3] ou seja, «aquela moral unitária que exalta a figura e a responsabilidade da pessoa humana com o seu fermento de fraternidade evangélica, seu respeito pelo direito herdado dos antigos, seu culto da beleza refinado ao longo dos séculos e sua vontade de verdade e justiça aguçada por uma experiência milenar». [4]

Longe de ser um critério exclusivamente confessional, [5] a referência à dívida da cultura europeia para com o cristianismo permite compreender melhor até que ponto a abertura ao transcendente é sempre uma dimensão constitutiva da pessoa humana e uma fonte viva de civilização.

A este respeito, reveste-se de grande importância o artigo 17 do *Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia*. Ele incentiva «um diálogo aberto, transparente e regular» com as Igrejas, sempre respeitando e sem prejudicar o «estatuto de que gozam» nos Estados-Membros. A laicidade que rege a vida dos Estados não implica apenas o caráter não confessional das instituições civis, mas pressupõe uma verdadeira colaboração entre as partes, bem como o respeito pela autonomia das Igrejas, a promoção da sua liberdade de organização, expressão e culto por parte das autoridades estatais e comunitárias.

Trata-se de recorrer à fonte dos valores que constituem o fundamento da convivência civil, ou seja, «os valores universais que são os direitos invioláveis e inalienáveis da pessoa humana, bem como a liberdade, a democracia, a igualdade e o Estado de direito» (*Preâmbulo do Tratado da União Europeia*).

No atual contexto multicultural, a afirmação da universalidade destes valores, essencial para a sua sobrevivência, passa também pela redescoberta das próprias raízes e pela abertura ao diálogo com o outro.

Trata-se de uma necessidade social e política a fim de que se redescubra o papel central da pessoa humana e se dê uma consistência real a palavras como liberdade, democracia, paz e unidade. Neste sentido, reveste-se de grande valor o convite do Papa Francisco a apreciar a complexidade da realidade europeia em toda a riqueza das suas tradições e sensibilidades,

sublinhando «o desafio de uma harmonia construtiva, livre de hegemonias».

[6]

Este duplo movimento de redescoberta e diálogo permitirá também restabelecer um adequado equilíbrio entre os próprios direitos, bem como entre direitos e deveres, pois – como o Papa Francisco sempre recordava – «ao conceito de direito já não se associa o conceito igualmente essencial e complementar de dever, acabando por afirmar-se os direitos do indivíduo sem ter em conta que cada ser humano está unido a um contexto social, onde os seus direitos e deveres estão ligados aos dos outros e ao bem comum da própria sociedade». [7]

Na verdade, a Europa contemporânea encontra-se diante de uma nova etapa da sua longa história de encontros, com a chegada ao continente de tantos homens e mulheres que fogem de zonas de guerra e perseguição ou que procuram uma vida melhor longe da pobreza e da miséria.

Como referi durante a minha recente visita às Ilhas Canárias, na Espanha: «A dignidade humana exige vias legais e seguras, resgate e assistência, cooperação concreta contra os traficantes, proteção efetiva às vítimas, processos sérios de acolhimento e integração, e políticas que permitam a cada pessoa viver com dignidade na sua própria terra» (*Encontro com as organizações de recepção de migrantes*).

No entanto, tudo isto ainda não seria suficiente: acolher uma pessoa significa integrá-la como se fosse da própria família, oferecendo-lhe a possibilidade de desenvolver os seus talentos, capacidades e sensibilidade, mas também de entrar no espírito da casa que a acolhe. É preciso compreender o alcance histórico do que está a acontecer, ou seja, um encontro sem precedentes entre povos e culturas, que apela a uma redescoberta criativa das nossas raízes e, ao mesmo tempo, a uma escuta

atenta do outro. A universalidade dos valores basilares da Europa garante-nos que este diálogo é possível e que poderá proporcionar uma base sólida às nossas sociedades, permitindo-nos agir de forma mais eficaz em prol da paz e de um mundo reconciliado.

Foi precisamente esta lucidez que inspirou homens como Schuman a superar a oposição entre as identidades culturais e a dar vida às instituições europeias no final da terrível tragédia da Segunda Guerra Mundial, que revelou quão grande é o mal causado pelo homem quando acredita não encontrar obstáculos no exercício do seu poder.

Robert Schuman, que conheceu fronteiras em constante evolução, contribuiu para lançar as bases de uma Europa consciente da urgência de derrubar os muros que a dilaceravam. A sua formação cristã transmitiu-lhe o valor da igualdade, sem distinção de raça ou classe social, e ensinou-lhe a dignidade do trabalho. A sucessão de diversas soberanias nacionais incutiu-lhe a importância do direito internacional e o valor da palavra dada. Tendo crescido num contexto em que o orgulho e o espírito de vingança pareciam prevalecer, Schuman empenhou-se pela paz e fraternidade entre os povos que, após um longo período de confrontos entre si, reconheceram finalmente que precisavam uns dos outros.

Quais são, então, os ensinamentos de Robert Schuman para a Europa e o mundo atuais? Em primeiro lugar, um profundo desejo de paz. Infelizmente, mesmo na Europa hodierna, a guerra reapareceu: um novo «massacre inútil», [8] que todos os dias causa inúmeras vítimas civis. E ainda hoje, tal como em 1950, as palavras contidas na Declaração Schuman continuam atuais: «A contribuição que uma Europa organizada e dinâmica pode dar à civilização é indispensável para a manutenção de relações pacíficas». [9] É necessário empenhar-se num diálogo paciente, demonstrar

coragem nas negociações e estar disposto a sacrificar algumas posições em prol do bem maior da paz.

Certamente, a busca pela paz na Europa, tal como no resto do mundo, não deve ser confundida com um *irenismo ingénuo*. Pelo contrário, as palavras de Schuman são mais atuais do que nunca: «A paz mundial não poderá ser salvaguardada sem esforços criativos que estejam à altura dos perigos que a ameaçam». [10] Todavia, é preciso ter cuidado com a ilusão do rearmamento. «Não por acaso, os repetidos apelos para aumentar as despesas militares – e as escolhas que disso decorrem – são apresentados por muitos governantes com a justificativa da periculosidade alheia» (*Mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2026). Promover a paz é uma tarefa ativa. Hoje, é preciso perguntar-nos se estamos realmente a envidar “esforços criativos” para promover a paz mundial ou se estamos simplesmente a tentar “conter a hemorragia da guerra” e a preparar-nos melhor para aquelas que presumimos que ainda estejam por vir.

A Europa, segundo Schuman, é um continente onde se prefere dialogar em vez de se recorrer às armas; onde os recursos são partilhados para garantir que «qualquer guerra [...] se tornará não só impensável mas materialmente impossível». [11]

Ainda segundo Schuman, a Europa assenta no respeito pelo direito internacional que, ao contrário dos direitos nacionais, não pode ser imposto pela força de um Estado, mas se fundamenta no princípio universalmente reconhecido de que *pacta sunt servanda*. Este princípio é zelosamente preservado pela legislação específica desta região, que abrange também as relações entre o Estado e a Igreja Católica com base na Concordata de 1801 entre a Santa Sé e a França, ainda em vigor.

O direito internacional e o multilateralismo sublinham a igualdade efetiva dos Estados nas suas relações mútuas e constituem o melhor antídoto contra a vontade de dominar que está na origem de cada disputa. Hoje em dia, as relações humanas e as relações entre os Estados tornam-se cada vez mais bárbaras. O valor da palavra dada é desprezado; em vez disso, a mentira e o engano são motivos de orgulho. A Europa pode pôr fim a esta espiral graças ao respeito pelo outro que soube cultivar e preservar, pois demonstrou amplamente, nos últimos oitenta anos, que é possível fazer valer opiniões, reivindicações e interesses divergentes, procurando o diálogo em vez do confronto.

Schuman lembra-nos que é preciso demonstrar sempre realismo e coragem. Ele afirmava: «A Europa não se construirá de uma só vez, nem de acordo com um plano único. Construir-se-á através de realizações concretas que criarão, antes de mais, uma solidariedade de facto». [12] Não devemos nunca perder a confiança na nossa capacidade de progredir, mesmo que os passos dados sejam, por vezes, pequenos e quase imperceptíveis. A pretensão moderna de “querer tudo para ontem” não corresponde à história e cultura europeias que, pelo contrário, ensinam o valor do tempo e da paciência. É com pequenos passos que se pode dar vida a esta solidariedade concreta, que implica que ninguém se sinta abandonado ou esquecido.

Ao partilhar estas reflexões, penso, em primeiro lugar, nos jovens, chamados a construir a Europa de hoje e de amanhã. Como já observava Schuman: «Que esta ideia de uma Europa reconciliada, unida e forte se torne, a partir de agora, o lema das jovens gerações, desejosas de servir uma humanidade finalmente libertada do ódio e do medo, que reaprende, após demasiado tempo de divisões, a fraternidade cristã». [13]

Aos jovens digo: tende a coragem de viver com responsabilidade a missão de construir a paz no vosso coração, nas vossas relações, na vossa família, nas escolas e nas universidades, na vida das vossas cidades, dos vossos países e de toda a Europa.

Não vos submetais à lógica da violência e da opressão.

Amai a vida em cada momento e não tenhais medo do futuro!

Não tenhais medo de formar uma família, de ter filhos, de defender a dignidade de cada pessoa, do primeiro instante no seio da mãe ao último suspiro.

Não tenhais medo de trabalhar incansavelmente, também através do empenho político, em prol do bem das vossas comunidades.

Sede construtores de comunidade!

E, convosco, a Europa, solidamente enraizada, continuará a florescer e a inspirar o mundo inteiro.

Que Deus vos acompanhe nestas decisões e que abençoe e proteja toda a Europa!

[1] S. Paulo VI, Carta ap. *Pacis nuntius* (24 de outubro de 1964): AAS 56 (1964), 965.

[2] R. Schuman, *Pour l'Europe*, Ginevra 2010⁵, 57-58.

[3] Cf. A. De Gasperi, *La nostra patria Europa. Discorso alla Conferenza Parlamentare Europea*, 21 aprile 1954, in: *Alcide De Gasperi e la politica internazionale*, Roma 1990, vol. III, 437-440.

[4] *Ibid.*

[5] Cf. *ibid.*

[6] Francisco, *Discurso ao Conselho da Europa* (25 de novembro de 2014).

[7] Id., *Discurso ao Parlamento Europeu* (25 de novembro de 2014).

[8] Bento XV, *Carta aos líderes dos povos beligerantes* (1º de agosto de 1917): AAS 9 (1917), 423.

[9] *Declaração Schuman*, Paris, 9 de maio de 1950.

[10] *Ibid.*

[11] *Ibid.*

[12] *Ibid.*

[13] R. Schuman, *Pour l'Europe*, 46.

[Voltar ao índice](#)

SANTA MISSA - HOMILIA DO SANTO PADRE

Catedral de Santo Estêvão (Metz)

Segunda-feira, 28 de setembro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

É com grande alegria que presido a esta Eucaristia, durante a qual confiamos ao Senhor o caminho da Comunidade diocesana de Metz e o de toda a Europa. Nesta terra histórica do Mosela, que nunca deixou de ser um ponto de encontro de povos e que foi uma fronteira dolorosa na Europa, a promessa de Deus ressoa hoje com uma força singular.

Na primeira leitura (cf. Is 32, 15-18), o profeta Isaías fala da vinda do Reino de Deus em termos de direito, justiça e paz. Recorre a três imagens: o deserto, o jardim e a casa.

No deserto, lugar de sobriedade e silêncio, instaura-se o direito, ou seja, a lei que ajuda o homem a avançar no caminho do bem. Esta imagem austera recorda-nos a importância do essencial e da simplicidade, que nos permitem atribuir o justo valor às coisas, formando-nos, ao mesmo tempo, para a renúncia e o sacrifício.

A segunda imagem é a do jardim, onde reina a justiça. Se o deserto é o lugar do essencial, o jardim é o lugar da beleza. Ali há água, as sementes brotam, os rebentos despontam e as flores desabrocham, cada uma com a sua graça particular. Este é o efeito de uma vida reta, que permite à pessoa realizar-se plenamente, aderindo em liberdade aos desígnios do Senhor.

A terceira imagem é a da casa, lugar de paz. Note-se que, se o deserto e o jardim são ambientes em que prevalece a ação de Deus, que faz germinar

e crescer, a construção de uma casa requer, por outro lado, um contributo mais direto e importante por parte do homem, com emprego de forças e competências, através dum esforço comum: um autêntico “trabalho de construção”. Assim, a paz, que é um dom de Deus, exige uma resposta por parte dos homens, num esforço partilhado. Aliás, mais do que uma simples construção de pedras, a casa é um lugar de presença humana e de amor. Neste sentido, a Palavra profética recorda-nos que, num mundo marcado pelos limites, a concórdia só se constrói na caridade, que sabe partilhar alegrias e dores, encorajar e perdoar, sem cálculos nem limites, tal como numa família.

Também o Evangelho que acabámos de ouvir nos fala disso (cf. *Mt* 5, 38-48). Enquanto hoje, a vários níveis, assistimos no mundo a tanta violência, manipulação e arrogância, Jesus ensina-nos como transformar o deserto num oásis, como plantar jardins e construir casas. Ele indica-nos o caminho que passa pelo perdão, pela misericórdia e pela magnanimidade. «Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser litigar contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas» (*Mt* 5, 39-41).

Para alguns, estas palavras podem parecer um sinal de fraqueza, ou talvez uma rendição diante do mal; mas, na verdade, não é assim. Olhemos profundamente para dentro de nós mesmos e olhemos à nossa volta: o que produz, no mundo e em nós próprios, atitudes como a vingança, a retaliação e a rejeição? E as relações e os sistemas permeados pelas lógicas impiedosas que derivam destas atitudes qual futuro deixam entrever para a humanidade? Vós, que sois os filhos desta terra, dilacerada no passado por conflitos fratricidas, sabeis bem que não é verdade que quem se vinga é mais forte do que quem perdoa. Não é verdade que quem não cede é mais

forte do que quem procura a reconciliação. Não é verdade que quem se vai embora batendo a porta é mais forte do que quem se esforça por caminhar em conjunto.

Metz e o Mosela mostram ao mundo inteiro que a reconciliação só é possível quando se tem a coragem de quebrar a cadeia do ressentimento. É preciso força e grande equilíbrio para não se deixar oprimir pelo mal, sobretudo quando as feridas sofridas são profundas. Mas, perante a injustiça, o único caminho de salvação para o homem é o amor que cuida do outro e que procura dar confiança independentemente das circunstâncias, mesmo perante os comportamentos mais difíceis de aceitar (cf. *Mt* 5, 42). Assim, a lei, a justiça e a paz são etapas de um caminho de conversão que, de pessoal, se torna cada vez mais comunitário, em prol de uma civilização capaz de respeitar o homem e o seu Criador.

Não é por acaso que Santo Agostinho define a paz da cidade celeste como uma comunhão harmoniosa, na qual os homens se regozijam em Deus e, n'Ele, uns nos outros (cf. Santo Agostinho, *De civitate Dei*, XIX, 13.1). Ele fala também da paz entre os homens como do fruto de uma “*tranquillitas ordinis*”, na qual cada um reconhece e respeita no outro uma dignidade e um papel únicos e sagrados.

Convém recordar, aqui em Metz, que são precisamente estes os valores sobre os quais se construiu, ao longo dos séculos, a Europa que conhecemos, com o seu património espiritual e moral, ainda antes do económico e político. Com emoção, São João Paulo II gostava de recordar que ela tem as suas raízes na vida e na obra de homens e mulheres que viveram, pregaram e partilharam os ensinamentos do Evangelho (cf. *Acto Europeísta em Santiago de Compostela*, 9 de novembro de 1982). São testemunho disso o grande contributo espiritual, cultural e até agrícola e

artesanal que o monaquismo deu à história do Continente, bem como a obra de santos como o grande Crodegango, Pastor incansável desta comunidade, que precisamente aqui, na *Regra dos cónegos*, deu uma forma visível à comunhão eclesial.

Daí foram-nos transmitidos os fundamentos morais do mundo em que vivemos: princípios como a primazia da pessoa e o caráter sagrado e inviolável da vida humana, em todas as suas fases e em todas as circunstâncias; a defesa da liberdade dos indivíduos; a importância primordial da família como fundamento da sociedade; a atenção aos pobres e mais necessitados; o acolhimento do estrangeiro e o respeito pelos idosos.

A vossa Igreja local, que preserva a herança única de um diálogo fecundo entre a sociedade civil e a fé, em virtude do seu *status* particular, tem a responsabilidade de ser um laboratório vivo desta fidelidade. Manter-se fiel a estes pilares não foi fácil, nem sequer para aqueles que nos precederam. No entanto, com coerência e perseverança, os nossos antepassados deixaram-no-los como um tesouro, para o transmitirmos, por nossa vez, às gerações futuras, enriquecido pela nossa experiência, pelo valor dos nossos esforços e das nossas histórias.

A magnífica Catedral desta cidade, onde nos encontramos, ilustra muito bem tudo isto: é conhecida como *Lanterne du Bon Dieu* devido aos seus 6.500 metros quadrados de vitrais com representações históricas. Parece que os construtores quiseram reduzir ao mínimo as paredes, que, no entanto, permanecem sólidas, para que a luz pudesse chegar em abundância aos fiéis. Quem entra nela vê-se assim imerso numa riquíssima “*bíblia pauperum*”, fonte de oração e meditação, através dos reflexos de mil cores. E neste lugar de luz, o esplendor dos vitrais foi recentemente enriquecido pela genialidade de Marc Chagall. As obras deste grande pintor judeu,

incorporadas nas paredes da Catedral, transformam a *Lanterne du Bon Dieu* num extraordinário símbolo ecuménico e de diálogo inter-religioso. Esta Catedral diz-nos que a luz do Senhor não apaga as especificidades, mas une histórias e culturas diversas num único e maravilhoso mosaico de paz, necessário à nossa época, dilacerada por novas divisões e novos conflitos. Ao contemplarmos estes vitrais, aprendemos que o futuro da Europa não reside na uniformidade, mas na harmonia das diferenças, onde a ferida do passado se torna uma fresta por onde a luz pode entrar.

Nisto reside um símbolo da nossa identidade como Igreja. Também nós utilizamos estruturas que só fazem sentido na medida em que nos ajudam a levar ao mundo a luz do Evangelho. Sem estes vitrais, as janelas da Catedral de Saint-Étienne não passariam de espaços inundados por uma luz ofuscante. Com os vitrais, tornam-se livros que nos reúnem para recordar histórias maravilhosas, cheias de heroísmo, bondade, misericórdia, amor e beleza moral, das quais, também nós, devemos ser testemunhas generosas e corajosas.

Com gratidão e confiança, no final da minha viagem à França, partilho convosco este desejo para a vossa comunidade de Metz, chamada hoje, mais do que nunca, a ser um farol de esperança para este país, para a Europa e para o mundo, confiando-a às orações da Virgem Maria e dos vossos santos padroeiros.

[Voltar ao índice](#)

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2026

www.opusdei.pt

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos